

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

OVESLANDO SILVA LIMA

**A LINGUAGEM COMO CONSTITUINTE BIOLÓGICO DO SER
HUMANO NA OBRA “LINGUAGEM E MENTE” DE NOAM
CHOMSKY**

TERESINA

2021

OVESLANDO SILVA LIMA

**A LINGUAGEM COMO CONSTITUINTE BIOLÓGICO DO SER
HUMANO NA OBRA “LINGUAGEM E MENTE” DE NOAM
CHOMSKY**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Filosofia do Instituto
Católico de Estudos Superiores do Piauí para
obtenção do título de Licenciado em Filosofia
sob a orientação do Prof. Ms. Pe.
Francidilso Silva do Nascimento.

TERESINA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

LIMA, Oveslando Silva

L732l A linguagem como constituinte biológico do ser humano na obra “Linguagem e mente”. / Oveslando Silva Lima. - 2021.
53 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto Católico de Estudos Superiores - ICESPI, Curso de Licenciatura em Filosofia, Teresina, 2021.

Orientador : Prof. Me. Pe. Francidilso Silva do Nascimento.

1. Linguagem 2. Teoria gerativista 3. Noam Chomsky I.Título.

CDD – 100

Elaborado por Ana Paula Ribeiro da Silva CRB- 3/1704

OVESLANDO SILVA LIMA

**A LINGUAGEM COMO CONSTITUINTE BIOLÓGICO DO SER
HUMANO NA OBRA “LINGUAGEM E MENTE” DE NOAM
CHOMSKY**

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Curso de Licenciatura em Filosofia

Data de aprovação: ____ de _____ de 2021

Prof. Ms. Pe. Francidilso Silva do Nascimento
Orientador

Prof. Dr. Gerson Albuquerque de Araújo Neto
Primeiro Examinador

Prof. Dr. Pe. Clodomiro de Sousa e Silva
Segundo Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho e o meu carinho, em primeiro lugar, àquele que me chamou à vida, dando-me o dom da vocação. À minha querida Mãe Virgem Maria, que nunca abandonou este filho, mesmo sendo tão fraco. Ao meu amigo São Bosco, que “cansou” de ouvir meus pedidos. Aos meus familiares, na pessoa da minha amada mãe Maria das Dores Carvalho Silva e meu amado pai Fernandes de Sousa Lima, pelo aconchego em meio às tempestades da vida. Aos meus amigos, na pessoa da Luzia, anjo bom, que tornam a caminhada rumo ao céu mais doce. À minha madrinha de oração, Ir. Rosimeire, que me ensina, pela sua vida, a ser santo. Dedico também a Dona Eliane Maria Teixeira Pio, que sempre está a corroborar na minha vocação. Aos queridos padres que formam o clero da Arquidiocese de Teresina, na pessoa do Pe. Jailton Pinheiro, Padre José Nery e do Pe. Anderson Fábio, e do Regional Nordeste IV, na pessoa do Pe. Aquino e Pe. Zorenilton. Aos meus irmãos seminaristas, na pessoa do Leonardo Quirino, Davi Silva, Janderson Andrade, Erasmo Nery, Mayckon, Felipe Afonso, Hugo Júnior, Mateus Viera, Bruno Machado, Marcos Gabriel, Miguel e todos os irmãos de caminhada que tive alegria de conviver nesses cinco anos de seminário e em especial a turma do propedêutico de 2020, que tanto ouviram meus clamores e estiveram apoiando-me na elaboração deste trabalho (a quem devo parte da minha congratulação neste itinerário vocacional). Aos irmãos seminaristas arquidiocesanos, na pessoa do José Enéas e Carlessandro, que tanto auxiliam na minha vocação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, fonte da comunhão e do amor da Igreja. À Arquidiocese de Teresina, na pessoa do meu querido pai Dom Jacinto e meu amado e eterno formador Pe. Anderson Fábio. Agradeço aos meus pais por terem sempre me impulsionado a estudar e a persistir em alcançar os meus objetivos.

Aos queridos amigos benfeitores do projeto *Terra Sacerdotal* pelo apoio e incentivo às vocações. Ao corpo formativo do seminário Propedêutico, na pessoa do Pe. Genival. Ao corpo de funcionários do ICESPI, na pessoa do seu diretor, Padre Clodomiro de Sousa e Silva e do Prof. Ms. Pe. Francidilso Nascimento, meu orientador. Agradeço a todos os meus mestres que, ao longo da minha jornada, estiveram sempre presentes e dispostos a me ajudarem a compreender e aprender todas as questões pertinentes aos estudos.

Aos componentes da banca examinadora, pela paciência e disponibilidade. À paróquia mais linda do mundo, São Miguel Arcanjo, na pessoa do meu pároco Pe. Jailton Pinheiro e seu vigário Pe. José Nery. Aos meus irmãos de paróquia, Miguel, André, Mateus e Bruno Machado. Também não poderia deixar de agradecer aos meus amigos de caminhada na pessoa do Davi Silva, a quem devo o apoio diário de minha caminhada vocacional. Agradeço também, ao querido Pe. Igor, pela correção de meu trabalho monográfico. Delongo meus agradecimentos à alguns anjos de Deus que contribuíram na construção de minha monografia nas pessoas do Carlessandro e Erasmo. Ainda elevo meus sinceros agradecimentos a Escola Família Agrícola do Soinho, na pessoa da professora Remédios (*in memoriam*), professora Eylanne, Larissa Rocha e José de Sousa — com vocês que aprendi os primeiros passos rumo ao conhecimento e sai da mesmice da ignorância. Por fim, minha gratidão à querida turma do terceiro ano a quem devo a alegria da convivência diária.

“Somos humanos não porque temos uma linguagem, mas porque somos uma linguagem”.

Wilhelm von Humboldt

“A faculdade da linguagem é como um “mecanismo de aquisição da linguagem”, um componente inato à mente humana, que fornece uma língua em particular através da interação com a experiência dada, um mecanismo que converte a experiência num sistema de conhecimento: conhecimento de uma ou de outra língua”.

Noam Chomsky

RESUMO

A teoria gerativista de Noam Chomsky, enquanto proposta teórica, aspira oferecer bases palpáveis para uma filosofia da linguagem. O seu jeito próprio de filosofar não se prende ao rigorismo das teorias já existentes, mas parte da pessoa como um ser linguístico. Sua proposta principal no que diz respeito ao problema da aquisição da linguagem é de que forma a linguagem constitui um campo de conhecimento produtivo em termos da variedade de questionamentos e hipóteses levantados para o processo por meio do qual a criança adquire o conhecimento de uma língua particular. Eis porque sua empreitada filosófica não pode abstrair da pessoa da linguagem. Em meio à variedade de perspectivas teóricas para o tratamento deste processo de aquisição, pretende-se, no presente trabalho monográfico, focalizar a hipótese inatista e a teoria da aquisição linguagem, fundamentada no pensamento de Noam Chomsky, fundamentando-as através de revisões teóricas acerca do processo evolutivo da linguagem e da cognição humana, das concepções de linguagem. O pensamento gerativista de Chomsky se apresenta, então, como uma proposta para um novo desenvolvimento do ser humano como um ser linguístico.

PALAVRAS-CHAVE: Ser humano; Linguagem; aquisição da linguagem; gerativa.

ABSTRACT

Noam Chomsky's generativist theory, as a theoretical proposal, aspires to offer tangible foundations for a philosophy of language. His own way of philosophizing is not related to the rigorism of existing theories, but part of the person as a linguistic being. Its main proposal regarding the problem of language acquisition is how language constitutes a productive field of knowledge in terms of the variety of questions and hypotheses raised for the process through which the child acquires knowledge of a particular language. This is why his philosophical work cannot abstract from the person of language. In the midst of the variety of theoretical perspectives for the treatment of this acquisition process, it is intended, in the present monographic work, to focus the innate hypothesis and the "theory of language acquisition, based on the thought of Noam Chomsky, basing them through theoretical reviews about the evolutionary process of language and human cognition, of the conceptions of language. Chomsky's generativist thinking is then presented as a proposal for a new development of the human being as a linguistic being.

KEYWORDS: Human being; Language; language acquisition; Generative.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NO PENSAMENTO CHOMSKYANO.....	13
2.1 O surgimento da linguagem para Chomsky	15
2. 2 A linguística gerativa e a aquisição da linguagem.....	18
2.3 O processo de aquisição da linguagem: o inatismo e a gramática universal.	21
3 A CRIATIVIDADE LINGÜÍSTICA.....	25
3.1 Linguagem e a natureza humana.....	27
3. 2 A criatividade linguística na história de Chomsky.....	29
3. 3 A capacidade criativa da língua.....	33
4 INTERNALISMO LINGÜÍSTICO CHOMSKYANO	37
4. 1 A faculdade da linguagem e a natureza da linguagem.....	38
4.2 Das regras gramaticais aos princípios da linguagem	41
4.3 O inatismo e o processo de aquisição da linguagem	44
5 CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

Noam Chomsky nasceu na Filadélfia, foi um linguista, filósofo, sociólogo, cientista cognitivo, comentarista e ativista político norte-americano, venerado em âmbito acadêmico como "*o pai da linguística moderna*", também é uma das mais renomadas figuras no campo da filosofia analítica. Chomsky foi professor em Linguística no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, e teve seu nome associado à criação da gramática gerativa transformacional. É também o autor de trabalhos fundamentais sobre as propriedades matemáticas das linguagens formais, tendo seu nome associado à chamada Hierarquia de Chomsky. Seus trabalhos, combinando com uma abordagem matemática dos fenômenos da linguagem com uma crítica do behaviorismo, nos quais a linguagem é conceitualizada como uma propriedade inata do cérebro/mente humanos, contribuem decisivamente para a formação da psicologia cognitiva, no domínio das ciências humanas.

Assim, justifica-se este estudo pela relevância do fato de que há uma singular carência de trabalhos abordando esse tema no cenário acadêmico. Trata-se de um estudo que não pretende encerrar a questão sobre o constituinte do homem como ser linguístico, a partir dos estudos de Noam Chomsky, mas, sim, ofertar subsídios para a academia, para futuras pesquisas, relacionados a esse tema. A filosofia da linguagem é de suma importância para a sociedade, pois ajuda cada indivíduo a ter um senso crítico, reflexivo e racional, capacidades tão necessárias à vida humana. Desta forma, a reflexão de Chomsky acaba por trazer para a sociedade uma contribuição de estudos, também, nas áreas da Lógica e da Matemática e, por outro lado, apresenta uma nova abordagem até então inexplorada: estudos sobre os fundamentos biológicos da linguagem (característica da espécie humana). O interesse, em estudar sobre a linguagem humana, partiu de uma profunda admiração pelo filósofo e, conseqüentemente, um profundo interesse na área da Filosofia da Linguagem. Essa admiração advém do fato de que Noam Chomsky foi capaz de realizar uma análise integral, uma verdadeira dialética da pessoa como ser linguístico, sem desconsiderar sua existência, liberdade, criatividade e responsabilidade no mundo, e, a partir desta análise, buscou defender a linguagem como um constitutivo inato à pessoa humana.

O tema tratado nesta monografia versa sobre as perspectivas da filosofia da linguagem de Noam Chomsky no que diz respeito à aquisição da linguagem pelo ser humano, e tem por objetivo, a partir desses princípios, oferecer caminhos para a compreensão do ser humano como ser linguístico. A ideia geral é traçar, de acordo com o pensamento do filósofo, um itinerário

metodológico, partindo da concepção da aquisição da linguagem, passando pela criatividade linguística, até desembocar no internalismo linguístico. Para tanto, utilizar-se-á como obra principal *Linguagem e Mente* (1998), de Chomsky, bem como outras obras de sua autoria, além de comentadores e outros materiais complementares, que ofereça conteúdo para nosso trabalho.

Nessa tarefa, cumpre, no primeiro momento, a necessidade de refletir sobre a aquisição da linguagem como capacidade cognitiva e especificamente humana. Além do fato quase despercebido da aprendizagem e domínio de uma ou mais línguas particulares humanas, das quais se faz uso para expressar os pensamentos. Desse modo, Chomsky sempre se refere ao que ele chama de ‘device’ que nos capacita a aprender uma língua particular, decidimos traduzir ‘language’ por ‘linguagem’, para designar a forma de todas as línguas particulares. É importante salientar que Chomsky está interessado na linguagem humana, ou seja, na forma das línguas naturais, e não nas línguas ou linguagens dos animais.

O que impulsiona a pesquisa, no segundo momento, é a necessidade de refletir sobre a criatividade linguística, em conformidade com o objetivo de Chomsky, deve-se ter presente que a aquisição de uma língua mais se parece com o crescimento dos órgãos – é algo que acontece com a criança, e não o que a criança efetivamente faz. E, da mesma forma, o curso geral do desenvolvimento e as características básicas do surgimento da linguagem estão predeterminados pelo estado inicial na criança. Esse estado inicial é uma propriedade humana comum. Assim, todas as línguas, em suas propriedades essenciais, são produto do mesmo molde. Portanto, um cientista marciano poderia concluir de modo razoável que há uma única linguagem humana, com diferenças apenas marginais.

O que impulsiona a pesquisa, no terceiro momento, é a necessidade de refletir sobre o internalismo linguístico, de acordo com Chomsky, os seres humanos são dotados, desde o seu nascimento, de uma disposição inata, específica para a linguagem, denominada de Gramática Universal. A Gramática Universal, que consiste basicamente de um conjunto de restrições linguísticas capazes de determinar as formas que as línguas humanas podem possuir, é, então, responsável por guiar a aquisição de uma ou mais línguas pela criança através de sua interação com o ambiente lingüístico no qual está inserida. De acordo com essa visão, a existência de tal mecanismo explica o fato de a criança, com base em tão pouca evidência, ser capaz de adquirir uma língua altamente complexa de forma tão rápida.

À guisa de conclusão, podemos dizer que, mediante suas investigações sobre a natureza da linguagem e de sua aquisição, Chomsky acabou produzindo uma inversão numa espécie de juízo de valor presente no debate filosófico entre o empirismo e o que se convencionou chamar de metafísica especulativa. Pois usualmente os metafísicos tinham que

defender-se das acusações dos empiristas, herdeiro desses behavioristas, segundo os quais os primeiros procederiam a especulações de carácter puramente racionais e infundadas. Chomsky agora acusa os linguistas e psicólogos da linguagem de pretenderem construir teorias sobre a aquisição de uma língua natural com base em especulações empiristas risíveis e abstrusas. Pois, de acordo com Chomsky, está excluída por princípio a possibilidade de que a aquisição das capacidades necessárias para dominar a linguagem ocorra por vias puramente empíricas.

2 A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NO PENSAMENTO CHOMSKYANO

A análise de estudos ligados ao campo da aquisição da linguagem busca elucidar indagações acerca do processo de aquisição da fala em crianças. Além disso, procura explicar como esse processo ocorre e por que as crianças exibem uma capacidade de compreender e assimilar um incontável número de palavras imersas na língua, levando-as a produzir em um curto período de tempo, enunciados figurados pelos primeiros balbucios e, posteriormente, a usar essa linguagem em diversas situações comunicativas na língua. Tal processo de aquisição da linguagem é estudado sob diferentes perspectivas, segundo hipóteses formuladas sobre a concepção de língua adotada e a metodologia empregada. Com isso, considerando teorias já formuladas nessa área do conhecimento, pode-se fazer referência à abordagem que apresenta um modo bem distinto de ver a origem, a natureza e a aquisição da linguagem: o inatismo¹, representado por Noam Chomsky. Eis o que diz Chomsky (1976, p. 9): “Esboçarei o que me parece ser um esquema adequado no qual o estudo da linguagem possa provar ter um interesse intelectual mais vasto e considerarei as possibilidades de construir uma teoria da natureza humana baseada num modelo deste gênero.”

A natureza criativa de associar sons e ideias se caracteriza como habilidade específica da espécie humana, remetendo à capacidade de produzir, compreender e criar novas construções linguísticas potencialmente infinitas e adequadas às novas situações – o uso adequado da linguagem. A propriedade recursiva que evidencia a infinitude discreta – abordada na clássica humboldtidiana “uso infinito de meios finitos” – descreve esse aspecto criativo que é único dos seres humanos, pois só estes são biologicamente projetados com uma faculdade de linguagem. (CHOMSKY, 2007, p. 32).

Essa faculdade, que possibilita ao homem a capacidade de domínio e uso de uma língua de forma natural, constitui um órgão mental, o qual – opondo-se ao dualismo cartesiano² – necessita ser estudado tal como o sistema visual ou o circulatório, que se definem como órgãos físicos. Desse modo, Ajmard (1986) aborda a linguagem como uma habilidade inata, como um componente genético radicado na mente/cérebro dos indivíduos, cuja pesquisa deve se realizar

¹ Podemos perceber que, na teoria gerativa, o inatismo quer dizer segundo a qual a estrutura da linguagem estaria inscrita no código genético da natureza humana e seria ativada pelo meio após o nascimento do homem.

² É uma concepção filosófica ou teológica do mundo baseada na presença de dois princípios ou duas substâncias ou duas realidades opostas, irreduzíveis entre si e incapazes de uma síntese final ou de recíproca subordinação.

no âmbito do naturalismo metodológico³, com o modo de construção teórica e de utilização de procedimentos coerentes com a lógica das ciências naturais.

A concepção de língua como órgão mental se relaciona com uma visão modular da mente humana, na qual os sistemas cognitivos constituem domínios ou módulos autônomos, sendo estrutural e funcionalmente independentes, com leis e princípios próprios. Esse posicionamento mediante a estrutura cognitiva se contrapõe ao princípio de uniformidade subjacente à perspectiva holística da mente, para a qual a cognição humana é um todo indiferenciado, com meios e formas de aprendizagem comuns a todas as capacidades mentais, pois não há subsistemas com propriedades particulares.

A forma pela qual o módulo cognitivo da linguagem surgiu na espécie humana no curso da evolução se tornou um tema que tem despertado o levantamento de indagações e hipóteses, as quais ainda não foram totalmente esclarecidas.

De acordo com Saussure (2006), abordar a capacidade linguística humana de associar sons e ideias como produto da evolução biológica implica lidar com problemáticas que se impõem ao enfoque de um fenômeno que, pelo menos no estágio científico atual, mantém o estatuto de “maravilhoso”, tendo em vista suas peculiaridades mediante o desenvolvimento evolutivo de outros componentes do organismo humano.

De fato, essas características essenciais da linguagem humana, tais como a infinitude discreta (recursividade) e a referência deslocada, estão biologicamente isoladas e são um desenvolvimento recente em termos de dinâmica evolutiva, tendo em vista que emergiram cerca de milhões de anos após o período que sucedeu a diferenciação do homem em relação aos demais primatas. O caráter recente do surgimento da linguagem ampara-se em evidências como a expansão e o aumento de grupos, o aparecimento de manifestações simbólicas, bem como indícios de uma estruturação social complexa. (ADAMS, 1975, p. 65).

A linguagem humana é um fenômeno que não proviria de sistemas de comunicação mais primitivos, tais como os gritos dos primatas não-humanos ou os sistemas gestuais. Em verdade, segundo Searle (1997), a linguagem constitui um sistema uniforme e, por conseguinte, suas propriedades não teriam evoluído desde o seu afloramento no processo evolutivo, o que remete à hipótese do surgimento súbito de tal sistema e da não influência da seleção natural na formação de sua estrutura. Assim, afirma Noam Chomsky:

³ É, "em oposição ao sobrenatural ou espiritual, a ideia ou crença de que apenas as leis e as forças naturais operam no mundo; em extensão, a ideia ou crença de que não existe nada além do mundo natural." Os adeptos do naturalismo - ou seja, os naturalistas - afirmam que as leis naturais são as regras que regem a estrutura e o comportamento do universo natural; que cada etapa da evolução do universo é um produto dessas leis.

Podemos esperar aprender algo sobre a natureza humana; algo significativo, se de fato [a linguagem] é verdadeiramente representativa e a mais notável característica das espécies. Notemos ainda que não é despropositado supor que o estudo desta realização humana – a capacidade de falar e compreender uma língua - pode servir de modelo sugestivo de investigação noutros domínios da intuição e ação humanas que não se apresentam tão convidativos à observação direta. (1976, p. 11).

Mediante tais considerações, a problemática emergente, na concepção de Chomsky, é explicar que tipo de resultado da evolução biológica é a linguagem, dado que a seleção natural, mecanismo principal da ação evolutiva, não seria causa por si mesma do seu aparecimento. Entretanto, vale ressaltar que há outros fatores evolutivos que permeiam a construção da hipótese de que a estrutura do cérebro poderia ter sofrido algum tipo de reconstrução, alcançando um nível cuja complexidade comportou uma série de processos físicos e químicos capazes de manifestar repentinamente a linguagem humana.

2.1 O surgimento da linguagem para Chomsky

Ao tratar da linguagem na história evolutiva, teóricos como Hauser⁴, Chomsky e Fitch⁵ (2002) fazem uma distinção entre a faculdade da linguagem em sentido amplo – *faculty of language in the broad sense* (FLB) – e em sentido restrito – *faculty of language in the narrow sense* (FLN). A FLB constitui um sistema sensorio-motor, um sistema conceptual-intencional, e um mecanismo recursivo, que fornece, como dito anteriormente, a capacidade de originar uma série infinita de expressões a partir de um conjunto limitado de elementos. Por sua vez, a FLN inclui apenas o mecanismo computacional recursivo e as suas conexões com os sistemas internos da FLB, sendo, por hipótese, o único componente humano exclusivo à faculdade de linguagem. Chomsky descreve:

[...] a visão liberal clássica é desenvolvida a partir de um certo conceito de natureza humana, um conceito que enfatiza a importância da diversidade e da ação livre e, portanto, se opõe fundamentalmente ao capitalismo industrial com sua escravidão assalariada, sua alienação do trabalho e seus princípios hierárquicos e autoritários de organização social e econômica, pelo menos em sua forma ideal o pensamento liberal clássico se opõe aos conceitos de individualismo possessivo, intrínsecos à ideologia capitalista. Por esse motivo, procura eliminar os grilhões sociais e substituí-los por laços sociais, e não por cobiça competitiva, individualismo predatório ou, é claro, por

⁴ Foi um escritor e historiador da arte de origem húngara. Também exerceu a atividade de filósofo e sociólogo. Nasceu no dia 8 de maio de 1892 e morreu no dia 29 de janeiro de 1978.

⁵ Foi um filósofo alemão pós-kantiano e o primeiro dos grandes idealistas alemães. Nasceu no dia 19 de maio de 1762 e morreu no dia 27 de janeiro de 1814.

impérios corporativos – estatais e privados. Parece-me que o pensamento libertário clássico nos leva diretamente ao socialismo libertário, ou ao anarquismo, se preferirem, quando combinados com uma compreensão do capitalismo industrial. (2005, p. 22).

Com base nessa diferenciação, tais autores caracterizam como hipótese evolutiva razoável a ideia de que os sistemas da FLB em si são, em grande parte, compartilhados com animais não humanos, possuindo uma história evolucionária ancestral, enquanto o sistema computacional constitutivo da FLN evoluiu recentemente e é peculiar à espécie humana. Dado o caráter restrito da propriedade recursiva da FLN, propõe-se que esta poderia resultar não do processo de seleção natural, com a finalidade de comunicação, mas de restrições impostas por sistemas cognitivos preexistentes. (KATZ, 1974, p. 76).

De acordo com Raposa (1999), a hipótese de que a inovação da linguagem humana se baseia na evolução de um sistema computacional que estabelece conexões com os componentes periféricos da FLB, considerando as restrições impostas por estes, permeia as questões fundamentais da teoria gerativa em seu programa minimalista⁶. Não assumindo a postura de que a linguagem foi projetada especificamente para o uso comunicativo (a ambiguidade é uma evidência), Chomsky interroga, em primeiro lugar, qual é a natureza da linguagem, e não como e com que finalidade ela é usada.

Assim, desconsiderando as condições de uso, conclui-se que tais questionamentos minimalistas direcionam-se rumo à busca de outras condições plausíveis, nas quais a linguagem seria otimamente desenhada: ela é bem projetada para interagir com os sistemas que estão dentro da mente. (ALKMIN, 2001, p. 131). Do ponto de vista da estrutura interior, observa-se, então, que interação existe entre o sistema computacional e os sistemas de interfaces, a fim de exibir quais tipos de condições estes sistemas externos impõem àquele, bem como a maneira pela qual elas são satisfeitas.

Em síntese, analisando de um ponto de vista naturalista, o órgão da linguagem em si, nada mais é que um mero produto natural resultante da organização mental, cujo surgimento na espécie humana se caracteriza mais pela ocorrência de uma mutação genética do que pelo

⁶ Na linguística, o Programa Minimalista (PM) é uma linha de pesquisa importante que vem se desenvolvendo dentro da gramática gerativa desde o início dos anos 90, começando com um artigo de 1993 de Noam Chomsky. Chomsky apresenta PM como um programa, não como uma teoria, seguindo a distinção de Imre Lakatos. O PM busca ser um modo de investigação caracterizado pela flexibilidade das múltiplas direções que seu minimalismo possibilita. Em última análise, o PM fornece uma estrutura conceitual usada para orientar o desenvolvimento da teoria linguística.

processo de seleção natural. O processo da aquisição de linguagem, o qual diferencia o homem dos demais primatas, implica em um sistema recursivo independente que interage, em síntese, com os sistemas conceptual-intencional e articulatório-perceptual (são termos que estão presente na teoria minimalista, que concentra-se na determinação de quais seriam os princípios universais que regem as derivações linguística, definindo deste modo as propriedades da faculdade de linguagem, isto é, do estado inicial de aquisição da língua), preexistentes a ele na história evolutiva. Tal interação consiste no estabelecimento de conexões com os sistemas cognitivos, que resultam na produção de expressões linguísticas pela conexão de representações semânticas e fonéticas. Eis uma explicação formal para a associação de sons e ideias que caracteriza o uso normal e criativo da linguagem. (MACGILVRAY, 1999, p. 54).

Com essa abordagem mentalista e biológica da linguagem, a teoria chomskyana pretende analisar as propriedades naturais da língua, além de conhecer aspectos específicos da inteligência humana, em vista de compreender as capacidades mentais que possibilitam ao ser humano a aquisição e o uso de uma língua de forma natural. A linguística, nesse aspecto, é vista como um ramo da psicologia humana, caracterizando o estudo da linguagem como um meio de acesso à organização dos processos mentais humanos, considerando que “é natural esperar uma relação íntima entre as propriedades inatas da mente e as características da estrutura linguística, pois a linguagem, afinal, não tem existência fora de sua representação mental” (CHOMSKY, 1983, p. 164).

Assim, para a ciência, quanto mais conseguimos explicar os fenômenos naturais usando menos ferramentas, melhor. Considerando, então, que menos é sempre mais, Chomsky reconhece o questionamento levantado por Galileu como um “desafio”: uma das perspectivas mais profundas na rica história da investigação científica sobre a linguagem e a mente dos últimos 2.500 anos e que deve investigar como a linguagem pode ser usada de forma criativa. Após mais de 60 anos de investigação, Chomsky chega à conclusão que essa criatividade só é possível pelo fato de que a espécie humana é a única capaz de aplicar uma simples operação computacional⁷: a concatenação⁸. A partir disso, Chomsky propôs construir uma teoria identificando as propriedades da linguagem humana, em um sentido abstrato, objetivando buscar explicar como ela é de fato, sem defini-la fisicamente (biologicamente). Conquanto a

⁷ Ação de um poder, de uma faculdade, de um agente que produz um efeito; ato ou efeito de operar. Conjunto de meios que se combinam para obter-se um resultado.

⁸ Quer dizer um relacionamento de ideias, fatos ou coisas entre si; ligação, encadeamento.

questão biológica da linguagem mantenha-se sendo extremamente relevante, não é tratada por extrapolar o estado atual da ciência.

2. 2 A linguística gerativa e a aquisição da linguagem

A teoria gerativa se caracteriza pelo enfoque interno e natural da língua, pressupondo, como propriedade mental, que essa faculdade de linguagem é peculiar à espécie humana, pois possibilita a seus sujeitos o domínio e o uso particular de uma língua. Nesse aspecto, a língua não é enfatizada como conjunto de enunciados ou código compartilhado por uma comunidade – ponto de vista caro ao estruturalismo – mas como interna, genética, isto é, como objeto do mundo natural. (DUBOIS, 2004, p. 81).

Dessa forma, o foco da pesquisa gerativista incide diretamente sobre a língua-*I*, vista como um objeto *interno* (propriedade mente-cérebro dos sujeitos), *individual* (estado mental do indivíduo) e *intensional* (mecanismo finito). A língua-*E*, em contrapartida, é de caráter *externo* (supraindividual) e *extensional* (conjunto de enunciados ou atos de fala), cujas abordagens são notórias apenas aos pesquisadores que desenvolvem estudos na interface língua-sociedade. (CHOMSKY, 2007, p. 43).

A concepção da linguagem como “órgão linguístico mental”, tal qual uma expressão dos genes, assemelhada nesse sentido aos demais órgãos, leva o gerativismo a abordá-la sob o caráter de sua estrutura e desenvolvimento, questionando como é o conhecimento linguístico radicado na mente/cérebro dos indivíduos e de que maneira ele é adquirido pela criança. No entanto, para entender de um ponto de vista internista ou mentalista em que consiste a língua e a forma pela qual ela se desenvolve, impõem-se à teoria da linguagem duas condições: adequação descritiva e adequação explanatória. (FLAVELL; MILLER, 1999, p. 66).

A adequação descritiva é atingida quando a teoria constrói uma gramática que fornece uma descrição correta da competência linguística do falante nativo. A adequação explanatória, por sua vez, é alcançada na medida em que se evidencia como línguas particulares, em sua aparente diversidade; originam-se de um estado inicial uniforme, formulando, para tanto, uma hipótese acerca da predisposição inata da criança para desenvolver ou selecionar a gramática de uma língua particular e não de outras. Um tal nível de adequação remete, em síntese, à elaboração de uma teoria da aquisição da linguagem. (CHOMSKY, 2006, p. 94).

A teoria gerativa, problematizando a aquisição da linguagem, assume certa oposição à maneira behaviorista – ou comportamentalista – de conceber o desenvolvimento linguístico da criança, já que esta parte do pressuposto de que os conhecimentos são adquiridos através de

experiências vivenciadas, o meio desempenha um papel determinante no processo de aquisição do conhecimento linguístico. Essa abordagem de base empirista reconhece como propriedades inatas apenas alguns procedimentos e mecanismos para aquisição do conhecimento, tais como princípios indutivos de associação e de generalização. (CHOMSKY, 1971, p. 73).

Foi uma perspectiva amplamente difundida pelo psicólogo Skinner⁹, para o qual, sob o argumento do condicionamento social e da explicação explícita, a aprendizagem da linguagem decorreria da exposição ao meio e da sequência mecanicista composta pela tríade *estímulo-resposta-reforço* (LYONS, 1971, p. 32). Proposta seguida, na linguística, pelo estruturalista norte-americano Bloomfield¹⁰, que, então, corroborou com a tese empirista de que a mente da criança seria, antes da estimulação externa, uma lousa em branco, uma tábula rasa. Chomsky assevera:

Cada gramática é uma teoria duma determinada língua, especificando propriedades formais e semânticas de um número infinito de frases. Essas frases, cada qual com a sua estrutura própria, constituem a língua gerada pela gramática. As línguas assim elaboradas são as que podem ser ‘aprendidas’ de modo usual. A faculdade de linguagem, ao ser estimulada adequadamente, construirá uma gramática; as pessoas conhecem a língua gerada pela gramática construída. Este conhecimento pode ser então usado na compreensão do que se ouve e na produção da fala como expressão do pensamento, dentro das limitações dos princípios interiorizados, de modo adequado às situações, sendo estas concebidas por outras faculdades mentais, livre do controle de estímulos. Problemas relacionados com a capacidade de linguagem e a sua utilização são os que, pelo menos para mim, dão ao estudo técnico da linguagem um interesse intelectual mais vasto. (1976, p. 19).

A crítica chomskyana a essa perspectiva empirista¹¹ se baseia nos fundamentos da filosofia racionalista¹², que apregoam a existência de esquemas mentais inatos (ideias e princípios) que determinam a forma do conhecimento, sendo a experiência o elemento responsável pela ativação de estruturas existentes *a priori*. Compreendendo como inviável a visão de aquisição da linguagem como um simples processo de estimulação externa e respostas correspondentes, e de língua como um repertório de enunciados resultante de puros exercícios de repetição, Chomsky expõe três argumentos que desestabilizam o comportamentalismo: a

⁹ Skinner foi um psicólogo behaviorista, inventor e filósofo norte-americano.

¹⁰ Leonard Bloomfield é considerado o fundador da linguística estrutural norte-americana.

¹¹ Na filosofia, empirismo é uma concepção que afirma que o conhecimento sobre o mundo vem apenas da experiência sensorial.

¹² A filosofia racionalista é baseada nos princípios da busca da certeza, pela demonstração e análise, sustentados, segundo Kant, pelo conhecimento *a priori*, ou seja, o conhecimento que não é inato nem decorre da experiência sensível, mas é produzido somente pela razão.

criatividade linguística, a pobreza de estímulo e o problema lógico da aquisição. (ORLANDI, 2003, p. 49).

O processo criativo de uso normal da linguagem, especificamente a infinitude discreta, fragiliza a hipótese, formulada por vários comportamentalistas, que as crianças aprendem uma língua através do reforço positivo, assim que começam a produzir expressões verbais corretas, e do reforço negativo, quando cometem erros. Entretanto, as crianças têm uma capacidade de compreender e produzir sentenças com as quais nunca entraram em contato, portanto, sem a presença de reforço e não facilmente justificáveis por processos de associação e generalização. Assim, a aquisição como resultante de jogos de repetição vê-se fragilizada: a produção linguística da criança é inovadora, ou seja, constitui-se de construções linguísticas inéditas (APEL, 2000, p. 43).

Esse papel não determinante do estímulo externo figura de forma mais enfática no argumento da pobreza do estímulo, que remete ao problema clássico de Platão: como o ser humano pode saber tanto quando se lhes apresentam apenas evidências passageiras, enganosas e fragmentárias? Transposto para o contexto de aquisição da linguagem, esse problema ressalta que a fala à qual a criança se encontra exposta é estruturalmente precária, contendo frases fragmentadas, falsas partidas, lapsos de fala, autocorreções, de forma que se apresenta como um estímulo pobre de informação em proporção à rica e complexa capacidade linguística da criança. (CHOMSKY, 2009; SCARPA, 2006, p. 85).

A dificuldade lógica de aquisição, por sua vez, mostra-se evidente a partir da observação de que as crianças adquirem o domínio de uma língua particular sem que recebam, do ambiente linguístico, informações suficientes para fazê-lo. Existe, em outras palavras, um abismo quantitativo e qualitativo entre os dados linguísticos primários disponíveis à criança e a competência linguística final desta. Nesse sentido, questiona-se como a criança procede a esta projeção, ou seja, de que modo ela adquire a gramática de sua língua e não a de outra (os dados dariam margem para a construção de uma gramática correspondente a outra língua) a partir de um conjunto limitado de sentenças que se apresenta como dado. (GAZZANIGA; MANGUN, 2006, p. 37).

Com a enumeração dos três fatores, Chomsky enfatiza a distância entre a estrutura do conhecimento linguístico adquirido pela criança e as evidências primárias, vendo a necessidade de postular um mecanismo inato de aquisição que interaja com os dados oriundos da experiência e oriente o desenvolvimento da linguagem. Formula-se, então, a hipótese inatista de aquisição da linguagem, cujo principal fundamento é a existência de uma faculdade da linguagem que, quando estimulada, possibilita a construção da gramática de uma língua particular. De fato,

“chegar a conhecer uma língua humana seria um feito intelectual extraordinário para uma criança não especificamente dotada para realizar a tarefa” (CHOMSKY, 2007, p. 10).

A hipótese inatista, recuperando a filosofia de base racionalista, atribui um papel determinante à mente humana no processo de aquisição da linguagem, de modo que este deve ser tratado como uma questão de maturação e desenvolvimento de um órgão mental. Com a assunção prévia de que há, em termos biológicos, uma faculdade de conteúdo especificamente linguístico, que capacita a criança ao domínio de uma língua natural, surge, como etapa seguinte de pesquisa, caracterizar a estrutura de tal faculdade, bem como a forma como se desenvolve.

2.3 O processo de aquisição da linguagem: o inatismo e a gramática universal

O desenvolvimento dessa faculdade de linguagem compreende um *continuum* de alterações acerca de sua estrutura, as quais remetem à transição de um estado inicial, que corresponde ao estado da mente de uma criança ao nascer, a um estado final ou estável, que designa um estado referente ao conhecimento de uma língua particular. O estado inicial, conforme Lopes (1995, p. 104), configuraria um “dispositivo de aquisição de língua” – DAL, que mediará, portanto, a relação entre os dados linguísticos primários, o *input*¹³, e a produção linguística da criança, o *output*¹⁴. Tal dispositivo inato de aquisição foi reformulado como uma Gramática Universal (GU), cuja estrutura, como componente biológico próprio da espécie humana, constitui-se de princípios especificamente linguísticos. Vale ressaltar, que Chomsky considera a Gramática Universal (GU), como um sistema de princípios, condições e regras que constituem os elementos ou características de todas as linguagens humanas não apenas por acaso, mas por necessidade.

Conforme Petter (2005, p. 87), os princípios se dividem em dois tipos: os *rígidos*, que não variam entre as línguas e perpassam todas as gramáticas finais – são os “princípios” em sentido estrito; e os *abertos*, que, oferecendo opções limitadas, dão margem à variação entre as línguas, uma vez que seus valores definitivos são determinados durante o processo de aquisição em consonância com o *input* linguístico – são os “parâmetros”.

[...] para toda a escolha de S suficiente para dar lugar ao conhecimento de uma língua humana L, essa função deve atribuir um S apropriado, no qual a gramática de L está representada. Poderíamos designar essa função sob o nome de “teoria da aprendizagem humana no domínio da linguagem”. (CHOMSKY; PIAGET, 1983, p. 53).

¹³ É uma expressão que quer dizer entrada.

¹⁴ É uma expressão que quer dizer saída.

Desse modo, dada a hipótese de caráter universal dos princípios (fixos e inatos), a problemática relacionada à aquisição da linguagem veio a ser entendida, basicamente, como um problema de fixação de parâmetros e de aquisição do léxico de uma língua. Almejando esclarecer como seria o processo de aquisição, Chomsky (1998, p. 65) usa da seguinte metáfora: a GU pode ser comparada a uma fiação fixa acoplada a uma caixa de interruptores, com a fiação representando os princípios linguísticos e os interruptores representando os valores paramétricos, determinados conforme a experiência. Chomsky assevera:

Definamos ‘gramática universal’ GU como o sistema de princípios, condições e regras que constituem elementos ou características de todas as linguagens humanas não apenas por acaso, mas por necessidade. Assim, a GU pode ser considerada como exprimindo a ‘essência da linguagem humana’. A GU será invariável para todos os seres humanos. A GU especificará o que a aprendizagem duma língua deve realizar, se for bem sucedida. A GU será, pois, um componente significativo de TA [H, L]. O que se aprende, a estrutura cognitiva alcançada, deverá ter as características da GU, embora possua também outras características, que constituirão as características acidentais. Toda linguagem humana deverá submeter-se à GU; as línguas diferem umas das outras pelas características acidentais. Se construíssemos uma língua violando a GU, chegaríamos à conclusão de que não poderia ser aprendida a TA [H, L], isto é, não poderia ser aprendida em condições normais de acesso e contato com os elementos da experiência. (1976, p. 36).

Tendo em mente que as línguas naturais são determinadas pela seleção de valores para parâmetros lexicais, sendo que as diferentes maneiras de posicionamento dos interruptores representariam as várias línguas existentes: uma disposição específica dos interruptores determinaria o português, enquanto outra geraria o japonês, e assim sucessivamente. Sob esse aspecto, uma gramática particular é uma derivação inerente da GU, sendo que a mesma se compõe de princípios, compartilhados com as gramáticas das outras línguas, junto a outros conjuntos específicos de valores paramétricos. (SAPIR, 1949, p. 24).

Nesse aspecto, quanto à estrutura da GU, considere-se o fato de quão detalhada ela deve ser para que possa abranger tanto as similaridades quanto as diferenças que englobam a estrutura das línguas particulares. Logo, assume-se que a estrutura inicial não deve exibir um nível de restrição tão elevado que culmine na exclusão de algumas línguas conhecidas em virtude das possíveis propriedades peculiares destas, ou seja, ela não deve ser rica o bastante em suas restrições a ponto de arriscar-se a ser falseada mediante a diversidade da linguagem. (CHOMSKY, 1959, p. 40).

O problema teórico referente à linguística, nesse contexto, é como postular um esquema inato suficientemente rico que, de um lado, apresenta restrições às quais o conjunto total de línguas humanas deve adequar-se e, do outro, apresenta condições específicas sobre como a gramática correspondente a cada língua pode ser usada. Em decorrência dessas circunstâncias, Barsky (2004, p. 95) vê como necessidade “descobrir os princípios de gramática universal que se entrelaçam com as regras das gramáticas particulares para oferecer explicações de fenômenos que parecem arbitrários e caóticos”.

A criança, detentora de um sistema de restrições razoavelmente rico, com opções paramétricas predefinidas, possui, no processo de diferenciação do estado inicial, a tarefa de formular uma hipótese acerca da estrutura de uma gramática compatível com os dados linguísticos. Para tanto, a criança tem de selecionar, entre os potenciais gramáticos viabilizados pela GU, aquela que corresponde à língua de sua comunidade, e o faz desenvolvendo dedutivamente uma teoria. Ela não induz, através de uma amostra restrita de dados, uma gramática. Na verdade, a criança descobre a qual gramática está sendo exposta, inspecionando hipóteses de um estoque predeterminado. Assim, como ressalta Pinker (2002, p. 122), a criança saberá a língua gerada pela gramática que desenvolveu e representou internamente, tornando-se competente linguisticamente para formar, usar e compreender um número infinito de sentenças. Chomsky observa:

[...] o problema proposto pelo aspecto criador do uso da linguagem está no fato de que a linguagem humana, sendo livre do controle por estímulos identificáveis externos ou estados fisiológicos internos, pode servir como instrumento geral de pensamento e autoexpressão, em vez de ser meramente dispositivo para a comunicação de uma informação, uma exigência ou uma ordem. (1976, p. 22).

Diante do processo natural de desenvolvimento linguístico, as tarefas impostas, no âmbito da psicologia humana, aos estudiosos da natureza e da aquisição da linguagem são as seguintes: determinar a estrutura inata que corresponde à essência da linguagem, ou em termos humboldtianos¹⁵, à “forma da linguagem”; estudar o caráter real do estímulo externo e da interação entre o organismo e o meio ambiente, que ativam o mecanismo inato de aquisição; enfocar o problema da “confirmação”, indicador de qual relação deve existir entre uma gramática potencial e uma amostra de dados para que tal gramática seja selecionada, “confirmada”, como a teoria correta da língua em foco. (CHOMSKY, 2006, p. 81).

¹⁵ Refere-se às teorias de Alexander von Humboldt, naturalista alemão (1769-1859).

A teoria linguística contemporânea aborda, especificamente, a primeira tarefa citada, enfocando, segundo Chomsky, os princípios universais ou propriedades essenciais da estrutura da linguagem em três partes: a *fonética universal*, para definir um alfabeto de caráter universal e um sistema de leis; a *semântica universal*, para tracejar um sistema universal de características semânticas e, em consequência, um sistema de leis; e a *sintaxe universal*, para estudar o sistema de regras – bem como as características destas – que promove o acoplamento som-significado.

No tocante à segunda tarefa, observa-se que ela vem sendo desenvolvida por alguns psicólogos: os gerativistas se dedicam a caracterizar o estágio inicial (GU) e o final (língua-I) do processo de aquisição, atuando com a suposição falsa de que a passagem de um estado para o outro é instantânea. De fato, como reconhece Damásio (2009, p. 90), não trata dos estágios intermediários de amadurecimento que culminam numa gramática particular, haja vista que aborda o problema de aquisição sob prisma mais epistemológico que psicológico. Desse modo, a segunda tarefa recebe atenção da Psicolinguística¹⁶ Desenvolvimental, isto é, uma teorização a respeito da dinâmica do processo. Eis o que Chomsky assinala:

Segue-se, pois, que tanto os mecanismos perceptivos quanto os mecanismos de produção da palavra devem empregar o sistema subjacente de regras gerativas. É por causa da virtual identidade deste sistema subjacente na pessoa que fala e na que ouve, que pode se dar a comunicação, sendo a participação em um sistema gerativo subjacente atribuível, em última instância, à uniformidade da natureza humana. (1976, p. 84).

As análises realizadas em torno dessas duas tarefas tendem a contribuir para o tratamento da terceira, referente à resolução do problema lógico de aquisição ou problema de identificação da língua materna pela criança (FODOR, 1983, p. 79). A expectativa direcionada aos estudos futuros é que as condições sob as quais a criança promove a projeção de um sistema qualitativo e quantitativamente mais complexo, a partir de uma experiência linguística limitada sejam esclarecidas mediante uma percepção mais apurada da real interação entre o mecanismo inato de aquisição e os dados linguísticos primários.

¹⁶ É o estudo das conexões entre a linguagem e a mente que começou a se destacar como uma disciplina autônoma nos anos 1950. Ela não se confunde com a Psicologia da Linguagem por seu objeto e metodologia, apesar de muitos teóricos afirmarem que a Psicolinguística é um ramo interdisciplinar da Psicologia e da Linguística.

3 A CRIATIVIDADE LINGUÍSTICA

É importante perceber que a gramática tradicional por si só não determina o fato de que o usuário de uma língua seja capaz de, nas palavras de Humboldt, “fazer uso infinito de meios finitos” (HUMBOLDT apud CHOMSKY, 1983, p. 30). Esse é o aspecto da criatividade, aqui tomado como específico do uso da linguagem. Ou seja, a criatividade pela qual Chomsky mostra-se interessado não é aquela encontrada em abordagens do campo de desenvolvimento ligadas à área da ciência, porque tal criatividade científica implica na invenção de novas teorias e conceitos. O próprio trabalho científico de Chomsky esclarece isto quando ele decide abandonar o programa da taxonomia descritiva.

Pois para ele, o pesquisador inserido nesse programa não passava de um mero observador, o qual não podia sequer justificar as suas ferramentas descritivas. E tampouco está interessado na criatividade específica da arte, mesmo daquelas formas de arte que fazem uso de uma língua natural, tal como fazem os poetas, escritores e romancistas. A criatividade linguística pela qual Chomsky se interessa é aquela exibida no uso do convívio social realizado por “pessoas comuns”, diariamente, e é essa criatividade presente no “uso comum da linguagem”, característica de todos os seres humanos, pois não exige nenhum talento especial individual. (STENBERG, 2000, p. 65).

A criatividade linguística parece contribuir significativamente para o que Chomsky chama de “comportamento inteligente” e tem um papel fundamental em grande parte das ações humanas. Ao julgarmos se uma frase é apropriada a um contexto em determinada situação, antes de fazê-lo, devemos levar em conta os motivos pelos quais a pessoa optou por determinada frase. E isso só é possível se levarmos em conta a ação para a qual a frase contribui. Dado o fato de que linguagem e ação estão interligadas, pois o uso da linguagem comum é criativo e as línguas naturais oferecem a seus usuários um número indefinidamente grande de possibilidades com perspectivas cognitivas que podem iluminar suas ações.

Compreendemos, então, como a criatividade no uso da linguagem contribui para torná-la um ato criativo também em esforços diários no sentido de “resolver problemas” de todos os tipos. A criatividade linguística é, portanto, um componente extremamente importante das ações humanas inteligentes e do comportamento em geral. Isto porque, como afirma Chomsky, a linguagem entra de modo crucial no pensamento, na ação e nas relações sociais.

A própria idéia gerativista demonstra como a gramática de uma língua, que Chomsky propunha fundamentada em um sistema de regras recursivas capazes de gerar sentenças nunca antes proferidas, baseia-se, indiretamente, na noção de aspecto criativo da linguagem. Contudo,

para a teoria gerativa, desde suas primeiras formulações (cf. CHOMSKY, 1957 e 1959, por exemplo), a idéia de poder gerativo baseia-se em definições formais de funções recursivas que permitem que certas regras sintagmáticas livres-de-contexto, por exemplo, associem categorias e itens lexicais de modo a construir outras categorias. Uma gramática de estrutura sintagmática elementar, como as de *Syntactic Structures* (1957). Assim, afirma-se:

Se nós descobrirmos através de tal investigação que as mesmas “estratégias de aprendizagem” são suficientes para explicar o desenvolvimento de competência em vários domínios, nós teremos razão para acreditar que a afirmação de Putnam é correta. Se nós descobrirmos que as estruturas inatas postuladas diferem caso a caso, a única conclusão racional seria que um modelo de mente deveria envolver “faculdades” separadas, com propriedades isoladas ou parcialmente isoladas (CHOMSKY, 1957, p. 75).

Embora essa gramática de estrutura sintagmática exemplificada acima seja trivial e muito diferente do que propõem as versões mais recentes das teorias gerativas, por exemplo, as teorias de Regência e Ligação / Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1975) e o Programa Minimalista(CHOMSKY, 1971), ela já serve para nos mostrar algumas características das tentativas de formalização de regras internalizadas as quais os falantes usariam para interpretar e produzir sentenças de acordo com a gramática de sua língua.

Isso se percebe, por exemplo, a partir da constatação de que o conjunto de regras sistemáticas já descritas se ajusta a muitas possibilidades de estruturas sintáticas disponíveis, como o português ou qualquer outra língua, e ainda, que o conjunto de itens lexicais que compõem as regras de reescritura de (g) a (j) poderiam incluir todos os itens possíveis do léxico da língua. No entanto, mesmo com uma gramática de um fragmento quase ínfimo da língua, como a esboçada acima, já é possível perceber que, a partir de recursos finitos (seis regras de estrutura sintagmática e quatro regras de elementos terminais que incluem um número limitado de itens lexicais) o número de possíveis sentenças (embora semanticamente pouco criativas e até mesmo implausíveis). Pois como afirma Chomsky:

A criança se aproxima da linguagem com uma compreensão intuitiva de conceitos envolvendo intenção, causação, objetivo de ação, evento etc.; além disso, a criança deve colocar as palavras que são ouvidas em um nexos que é permitido pelos princípios da gramática universal, que fornece o *framework* para pensamento e linguagem, e são comuns às línguas humanas como sistemas que entram em vários aspectos da vida humana (1998, p. 62).

Desconsiderando as restrições que impeçam a geração de sentenças como “*O menina come a bolo da menino*” (o que não proponho que seja a posição das teorias chomskianas), temos a clara percepção de que certas regras são responsáveis pela possibilidade de

recursividade, o que permite a uma língua, caso necessário, gerar categorias que apresentam as mesmas estruturas em si, e assim por diante. Um exemplo simples é uma sentença como “O menino ama a menina do bolo do menino”, em que o SN objeto contém outros SNs (via regra (e), que permite a recursividade, ainda que de modo bastante primitivo), de forma que, seguindo as regras disponíveis, é possível ampliar o tamanho do SN supostamente indefinidamente. Para Chomsky:

Há boa evidência de que a faculdade da linguagem tem pelo menos dois diferentes componentes: um ‘sistema cognitivo’ que armazena informação de alguma maneira, e um sistema de *performance* que faz uso dessa informação para articulação, percepção, falar sobre o mundo, fazer perguntas, contar piadas etc. (1998, p. 117).

Sem aprofundar as questões técnicas envolvidas na postulação dessas regras como parte do componente-base de uma gramática gerativa efetiva, o real interesse desse trabalho é apresentar algumas posições de Chomsky, principalmente em CL, que mostram um interesse em basear parte de suas afirmações teóricas na questão relevante de que o que constitui uma diferença fundamental entre homens e animais e/ou autômatos é esse tipo de capacidade criativa. O interesse de Chomsky, como poderemos ver por algumas das análises que faz da tradição prévia concernente a questões ligadas a essa discussão, é, em grande parte, combater a visão behaviorista/empirista fortemente arraigada nas linhas de pensamento sobre a linguagem predominantes desde o nascimento da linguística como ciência, na virada do séc. XVII para o XIX (cf. ROBINS, 1983, LYONS, 1967 e CHOMSKY, 1971, entre outros).

3.1 Linguagem e a natureza humana

Para as correntes linguísticas de base empirista – o estruturalismo norte-americano, por exemplo – a língua pode ser entendida como resultante de uma série de estímulos condicionantes, de forma que o comportamento linguístico é redutível a uma espécie de treinamento linguístico. Para Bloomfield (*apud* CHOMSKY, 1957, p. 23), tendo como exemplo, a capacidade criativa não passa da capacidade de produzir novas formas a partir do mecanismo de analogia. Skinner argumentou que a capacidade da linguagem era inteiramente explicável através de sua teoria baseada em comportamentos condicionados por estímulos, enquanto Chomsky (1959), resenhando seu trabalho, mostrou que não há como entender a linguagem humana nesses termos.

A posição chomskyana sobre a impossibilidade de explicar a linguagem humana a partir de moldes puramente empiristas e behavioristas deriva de um dos postulados mais importantes de sua teoria: a Gramática Universal, que é parcialmente inata e específica da espécie humana. O que permite sustentar essa hipótese é, em grande parte, a incapacidade que teríamos de explicar como todos os falantes normais das línguas atingem a maturidade da habilidade linguística depois de um pequeno período de exposição a dados fragmentários, incompletos e inconsistentes. Noam Chomsky, apresenta-nos: O problema empírico é achar uma hipótese sobre a estrutura inicial rica o bastante para explicar o fato de que uma gramática específica é construída pela criança, mas não tão rica a ponto de ser falsificada pela diversidade conhecida da linguagem (CHOMSKY, 1998, p. 74).

É exatamente o mesmo “*argumento da pobreza de estímulo*” a corroborar com a hipótese de que só uma teoria de bases inatas, como a da gramática gerativa, poderia dar conta adequadamente dos procedimentos de aquisição de linguagem. Dessa forma, Chomsky e os gerativistas vêm rebatendo todos os argumentos em favor de hipóteses não-inatistas de aquisição da linguagem.

O debate entre Chomsky, Piaget e outros, transcrito em Piatelli Palmarini (1983), mostrando que uma vez formada a gramática em seu estágio final/maduro, através da exposição inconsistente a dados inconsistentes, o falante é capaz de compreender e produzir quaisquer e somente as sentenças de sua língua, jamais violando princípios gerais, universalmente estabelecidos, que regulam as gramáticas das línguas naturais.

Defender o inatismo significa adotar concomitantemente algumas posições teóricas, entre elas: as explicações meramente comportamentalistas ou sociais para a aquisição da linguagem são descartadas ou tornadas implausíveis; e a necessidade de teorizar a respeito das características universais das gramáticas internalizadas dos falantes de todas as línguas.

De tal forma que a gramática gerativa propõe o estudo científico da competência linguística dos falantes, afastando-se das teorias positivistas empiristas, como as dos behavioristas e estruturalistas. É por isso que a tentativa de resgatar a história do conceito de criatividade linguística é tão importante para Chomsky: ele se encaixa numa vertente racionalista do pensamento sobre a linguagem. E o aspecto criativo, por sua vez, se relaciona com a busca pela cientificidade formal/matemática que nega a possibilidade de pesquisa baseada apenas nas generalizações indutivas, como faziam linguistas importantes do período em que Chomsky começa a desenvolver suas teorias, como Bloomfield. Assegura Chomsky:

Linguagem natural consiste de computações internalistas e sistemas de *performance* que as acessam juntamente com muitas outras informações e crenças, executando suas instruções de modos particulares para nos capacitar a falar e nos comunicar, entre outras coisas (1998, p. 132).

O projeto cartesiano/racionalista defende a posição de que há universais inatos na espécie humana, não havendo, assim, meio mais natural para explicar aquilo que nos parece óbvio: falamos línguas superficialmente diferentes, mas que se organizam fundamentalmente da mesma forma. Encontramos na tradição ocidental do pensamento sobre a linguagem, em diversos momentos, gramáticos e filósofos postulando que todas as línguas compartilham características comuns, como defenderam os gramáticos especulativos medievais, os gramáticos de Port-Royal e alguns pensadores pós-renascentistas, como Herder e Humboldt.

As tradições empiristas e positivistas emergentes no século XIX afastaram o interesse dos cientistas da linguagem de questões como o universalismo, recuperado pela teoria gerativa, agora como posição fundamental em vista de uma teoria séria e que se proponha a satisfazer problemas da linguagem, não apenas a descrever seu funcionamento superficial e, em termos chomskyanos, epifenomenal das línguas particulares.

3. 2 A criatividade linguística na história de Chomsky

Façamos uma investigação acerca da leitura que Chomsky faz do aspecto criativo da linguagem. CL inicia-se com um capítulo sobre o tema, no qual Chomsky cita Descartes em um dos poucos momentos de sua obra dedicados a questões de linguagem. Segundo Descartes (*apud* CHOMSKY, 1975, p. 14):

[...] é um fato muito notável que não há homens tão embotados e estúpidos, sem mesmo excluir os dementes, que não sejam capazes de arrumar várias palavras juntas, formando com elas uma proposição pela qual dão a entender seus pensamentos; enquanto, por outro lado, não há outro animal, por mais perfeito e afortunadamente construído que seja, que faça a mesma coisa.

Esse fragmento de Descartes resume a argumentação, encontrada na literatura de pesquisa, segundo a qual a língua/linguagem humana nos separa radicalmente dos animais ou das possíveis máquinas que produzem instâncias de linguagem ou traduzem de uma língua para outra. Em pesquisas psicológicas nas quais chimpanzés são ensinados a “falar” ou que demonstram que certos tipos de animais possuem algum grau de comunicação, os animais que

“falam” não são capazes de organizar a “fala” de modo a estruturar o pensamento ou “criá-lo” como fazem os humanos. Por isso Chomsky defende que:

O homem tem uma faculdade, peculiar à espécie, um tipo único de organização intelectual, que não pode ser atribuído a órgãos periféricos ou relacionados à inteligência geral e se manifesta naquilo que podemos designar como “aspecto criador” do uso ordinário da língua, tendo a propriedade de ser ao mesmo tempo ilimitada em extensão e livre de estímulos. (1957, p. 19).

Para Chomsky, identificar em Descartes a noção de aspecto criativo faz parte de uma argumentação filosófica complexa que contribui para a fundamentação epistemológica e histórica dos postulados básicos chomskianos. Ou seja, contribui para uma teoria da linguagem que tentava se estabelecer em meio a teorias estruturalistas amplamente disseminadas e, como vimos, de cunho marcadamente positivista. As primeiras versões da teoria formaram-se durante os anos 50 e 60, sendo a primeira edição de CL de 1966. Tentava se estabelecer em meio a teorias estruturalistas amplamente disseminadas e, como vimos, de cunho basicamente positivista.

Chomsky diferencia-se radicalmente de Descartes quanto à natureza da linguagem. Defende a Gramática Universal como parte da dotação genética do homem, sendo a linguagem, portanto, objeto eminentemente biológico; enquanto Descartes aponta o aspecto criativo da linguagem para refutar uma visão mecanicista radical e para propor a existência do *espírito* como entidade responsável pelas capacidades racionais humanas. Ou seja, Chomsky está longe de propor uma teoria epistemológica racionalista clássica. Aproveita-a apenas na medida em que suas teorias sobre linguagem e mente precisam pressupor um afastamento radical das posições mecanicistas/behavioristas, as quais não conseguem explicar, recorrendo a atividades repetitivas e experiências abundantes, como preenchemos a suposta *tabula rasa* com tanta informação a partir de estímulo tão escasso.

O próximo cartesiano que Chomsky cita é o filósofo Géraud de Cordemoy (1626-1684), que em seu trabalho *Discours physique de la parole* (1668) antecipa grande parte da filosofia da linguagem contemporânea com ideias como a seguinte: toda a razão que temos para acreditar que há espíritos unidos aos corpos dos homens que nos falam é que nos dão muitas vezes pensamentos novos, que não tínhamos, ou nos obrigam a modificar os que tínhamos [...] (CHOMSKY, 1971, p. 19).

Além de apresentar-se como defensor do aspecto criativo da linguagem, Cordemoy, com esse trecho, nos faz lembrar de grande parte das discussões contemporâneas sobre a questão da intersubjetividade e da língua como atividade constitutiva.

Em seguida, Chomsky menciona o premiado *Ensaio sobre a Origem da Linguagem* (1772), de Johann Gottfried Herder, que durante a efervescência do debate sobre a origem da língua no séc. XVIII, teria sido uma posição tão bem-acabada da proposta a ponto de ser vista nos séculos posteriores como “última palavra” sobre o assunto (cf. ROBINS, 1983). A utilização de Herder e Wilhelm von Humboldt nessa “arqueologia” da gramática racionalista/cartesiana de Chomsky mereceriam todo um trabalho à parte, uma vez que, aparentemente, os trabalhos dos românticos alemães não são tão claramente identificáveis como fonte de um universalismo racionalista, e muitas vezes beiram o relativismo “antropologizante”, encarando o particular como expressão do local, do nacional, do subjetivo (cf. WOOD, 1996; GARNER, 2003).

Então, Chomsky lê Herder da seguinte maneira (1975, p. 25):

Sendo livre para refletir e contemplar, o homem é capaz de observar, comparar, distinguir propriedades essenciais, identificar e dar nomes. É nesse sentido que a linguagem [e a descoberta da linguagem] é natural no homem, que “o homem foi criado como ser falante”. De um lado, Herder observa que o homem não tem linguagem inata, o homem não fala por natureza. De outro lado, a linguagem, no seu modo de ver, é tão especificamente um produto da organização intelectual particular do homem, que é capaz de afirmar: “pudesse eu reunir todos os fios e mostrar o conjunto do tecido que se chama natureza humana, infalivelmente seria um tecido criado para a linguagem”.

Para Chomsky, a explicação de razão de Herder difere da de Descartes basicamente porque, para o alemão, esta relaciona-se com estar livre do controle de estímulos, de forma a enfraquecer o instinto humano.

Para Searle, também arrolado por Chomsky em sua listagem de ancestrais intelectuais, a linguagem é “a mais maravilhosa criação da faculdade poética humana” (SEARLE, 1997, p. 27). Como afirmamos acima, Chomsky alude em sua resenha a autores que claramente misturam a noção tradicional de criatividade com a que ele identifica como aspecto criativo da linguagem. A discussão de Searle diz respeito muito mais ao fazer poético, constituinte da capacidade criativa dos seres humanos que interessava aos românticos, do que propriamente a uma história das noções que possam ajudar a corroborar as hipóteses inatistas/gerativistas.

Finalmente, a discussão de Chomsky sobre o aspecto criativo da linguagem inclui a figura do filósofo, linguista e humanista Wilhelm von Humboldt. Na *Introdução ao Kawi* –

obra na qual delinea os princípios epistemológicos e teóricos de análises descritivas de várias línguas de várias regiões; nesse caso, a língua Kawi, da Ilha de Java – estabelece uma série de conceitos fundamentais para a discussão sobre língua e aspecto criativo. Humboldt lança mão de conceitos como *energeia* (atividade/processo) em oposição a *ergon* (produto, ato), defendendo que a linguagem é *energeia*, e não simples produto estático resultante de trabalho anterior. Estabelece a ideia de que a língua não é algo dado, pronto, da qual os homens fazem uso para se comunicarem. Antes disso, a língua é algo que está em processo, ela é “o trabalho do espírito, que se repete constantemente para tornar possível que o som articulado expresse o pensamento” (HUMBOLDT, *apud* CHOMSKY, 1971, p. 30).

O aspecto criativo da linguagem abordado por Humboldt é formulado em termos que lembram em si aspectos apresentados por Chomsky em suas obras: “(a língua) deve, portanto, fazer com meios finitos um uso infinito, e só consegue isso porque a força criadora das idéias e da linguagem é a mesma” (CHOMSKY, 2007, p. 45).

Embora Chomsky liste Humboldt como influência importantíssima no desenvolvimento de suas ideias, é perceptível a contradição entre uma visão da língua como a apresentada acima por Humboldt e a visão chomskiana de aspecto criativo como um dos pontos de partida para as hipóteses gerativas/universalistas. Isto porque, com base em Chomsky (1976, p. 32):

Para Humboldt, de modo mais geral, uma língua humana, como totalidade orgânica, interpõe-se entre o homem e “a natureza interna e externa que atua sobre ele”. Embora as línguas tenham propriedades universais, atribuíveis à mentalidade humana enquanto tal, cada língua oferece um “mundo de pensamento” e um ponto de vista de tipo único. Ao atribuir este papel na determinação dos processos mentais às línguas individuais, Humboldt separa radicalmente do quadro da lingüística cartesiana, evidentemente, e adota um ponto de vista que é mais tipicamente romântico.

Chomsky refere-se ao que se costuma afirmar sobre Humboldt: que ele defende um tipo de relativismo linguístico, ou seja, a posição segundo a qual as línguas são inerentemente diferentes e que, de certa maneira, tal fato é responsável por diferenças na nossa maneira de lidar com a realidade e nossas experiências. Chomsky, porém, defende que a visão de Humboldt é “cartesiana”, no sentido em que seus conceitos de língua como processo e não como produto e língua primordialmente como meio de expressão do pensamento, ao invés de mero sistema funcional que possibilitaria a comunicação, permitem que ele seja categorizado como tal. Na verdade, o pensamento de Humboldt pode parecer paradoxal, como se procurasse uma curiosa

posição intermediária entre o universalismo cartesiano e o empirismo particularista característico de uma posição romântica. A posição resultante é bastante moderna:

O ser humano convive com os objetos principalmente, ou melhor, exclusivamente assim como a língua lhes introduz, devido ao fato de que o sentir e o agir nele dependem de suas idéias. Pelo mesmo ato pelo qual ele tece a língua para fora de si, ele se enreda e isola no tecido da mesma e cada língua desenha um círculo ao redor do povo ao qual pertence, do qual ele consegue sair apenas na medida em que se passa simultaneamente para o círculo de uma outra língua. O aprendizado de uma língua estrangeira, por isso, deveria ser a conquista de um novo ponto de vista na maneira anterior de ver o mundo, e de fato o é até certo grau, pois cada língua contém toda a teia de conceitos e o ideário de uma parte da humanidade. Este resultado apenas não é sentido de maneira pura e completa porque a própria visão do mundo e da língua é sempre transferida para a língua estrangeira, em maior ou menor grau. (HUMBOLDT, 1890, p. 65).

A posição relativista é marcante nesse trecho, uma vez que fica clara a relação entre língua específica e a maneira como nossa realidade se constitui. A transferência de visão de mundo com a passagem de uma língua para outra acarreta implicações muito sérias para os temas de linguística, como a teoria da tradução e a teoria literária. Nesse caso, que realmente interessa é a visão do conjunto de ideário e conceitos que podemos, segundo Humboldt, vislumbrar em uma língua específica, o que nos daria, com a soma das línguas, a soma dos conceitos e ideias possíveis. No trecho acima levamos essa questão ao extremo da relação entre as óticas parciais que as “lentes” de nossas línguas nos propiciam e o aspecto criativo: A linguagem é, portanto, se não como um todo, pelo menos sensivelmente o meio, através do qual o homem constrói a si mesmo e ao mundo, ou melhor, através do qual se torna consciente, compreendendo-se como consciência apartada do mundo.

3. 3 A capacidade criativa da língua

A capacidade criativa da língua é, portanto, levada às últimas consequências com o esclarecimento do que Chomsky quer dizer quando inscreve Humboldt em sua tradição cartesiana: a linguagem é, de certa forma, não só veículo do pensamento, mas também algo que *possibilita* o pensamento, de forma circular, ou ainda, quase paradoxal. Desse modo, o relativismo aparentemente radical o suficiente para apartar Humboldt da tradição universalista contrasta com uma visão profundamente aguda da natureza da linguagem, como a que vemos abaixo:

Através da dependência recíproca do pensamento e da palavra uma em relação com a outra fica evidente que as línguas na verdade não são meios para a representação da verdade conhecida, mas sim muito mais para a descoberta do anteriormente desconhecido. A sua diferença não reside nas ressonâncias e sinais, mas na diferença de concepção de mundo mesma. Aqui se encerra o motivo e o último objetivo de toda pesquisa lingüística. A soma do que é cognoscível fica, como um campo a ser trabalhado pelo espírito humano, num ponto médio entre todas as línguas, e independente delas. (HUMBOLDT, 1890, p. 90).

Deixando de lado o fio condutor da resenha chomskiana e mirando desenvolvimentos posteriores à sua maneira de buscar na tradição ocidental antecessores intelectuais para suas teorias, deparamo-nos com o trabalho de Carlos Franchi. O mesmo busca separar a noção de criatividade linguística, que ele chama de “sentido mais amplo” da relação acerca da criatividade chomskiana, puramente formal, de funções recursivas, como aquela que ilustrávamos no início do trabalho. Retomando Humboldt e Chomsky, Ilari sintetiza a questão de linguagem como atividade criativa/constitutiva da seguinte maneira:

A linguagem não é somente o instrumento da inserção justa do homem entre os outros; é também o instrumento da intervenção e da dialética entre cada um de nós e o mundo. Dizer isso nos lembra Chomsky [pelo menos em parte]: a linguagem não é esse sistema de caráter aberto, público, universal, porque se adapta à multiplicidade das situações comunicativas; ela é um sistema aberto e criativo e, por isso, disponível ao atendimento das necessidades e intenções das mais variadas condições de comunicação. (2005, p. 34).

O ponto de vista de Franchi extrapola de certa forma os limites da busca pelo conceito de aspecto criativo da linguagem em Chomsky. Para este o conceito serve, no fim das contas, para mostrar que a capacidade linguística humana está livre da influência de estímulos externos, não sendo restrita, portanto, a usos comunicativos específicos. Dota-nos, então, de capacidade de linguagem única entre as espécies, diferente de qualquer outra possível forma de linguagem entre seres vivos e máquinas. Enquanto Humboldt e Ilari, bem como outros linguistas e filósofos, avançaram para os domínios de criatividade enquanto atividade constitutiva não só da nossa natureza humana, mas também da própria linguagem, Chomsky utiliza-se da história da discussão sobre o aspecto criativo da linguagem como importante instrumento teórico para fundamentar sua gramática gerativa de base inatista, racionalista e universalista.

Em relação ao que é importante para Chomsky na formulação do problema da criatividade na linguagem ou o “problema de Descartes”, acabamos nos concentrando nas características básicas do fenômeno de uso da linguagem, que Descartes considerou relevante.

Em si, o uso comum da linguagem parece ter três características fundamentais. Pois, escreve Descartes,

[...] não haja homens tão embrutecidos e tão estúpidos, sem excetuar mesmo os insanos, que não sejam capazes de arranjar em conjunto diversas palavras, e de compô-las num discurso pelo qual façam entender seus pensamentos; e que, ao contrário, não exista outro animal, por mais perfeito e felizmente engendrado que possa ser, que faça o mesmo. (DESCARTES, 1973, p. 88).

Em primeiro lugar, para qualquer circunstância dada, parece não haver limite para o número possível de frases a proferir. Para Descartes, falantes podem responder a uma pergunta com um número indefinido de respostas, isto é, “ilimitadamente” (termo de Chomsky), pois cada resposta tem o que Descartes chamou de “diferentes organizações de palavras”. Contudo, aparentemente, a máquina que joga xadrez também consegue dar soluções ilimitadas mediante as jogadas do adversário humano, deixando-o perplexo. Portanto, até aqui, arriscamos dizer que não há diferença entre um humano e uma máquina, no que concerne às diferentes respostas diante das situações que surgem inesperadamente.

Em segundo lugar, tais respostas provavelmente serão “apropriadas às circunstâncias” e “coerentes”. A esse respeito, convém mencionar a experiência concebida pelo cientista Alan Turing¹⁷ (apud JACOBSEN, 1977), em 1950, que propôs um “teste para determinar a existência de mentalidade” em computadores. Ele queria averiguar se tinham a capacidade de responder a uma questão sempre de maneira apropriada ou se, de algum modo, computadores são capazes de reagir com “pertinência” às situações. Aparentemente, as frases não precisam ser causadas por circunstâncias ou limitadas em número, estruturas etc., para serem apropriadas. Para cada situação nova, respostas adequadas serão usadas e todas serão coerentes com outros proferimentos. Comparando mais uma vez a mente humana com a máquina que joga xadrez, esta também fornecerá uma resposta coerente para cada jogada.

No entanto, apesar dos esforços medidos por parte dos programadores, até hoje, nenhuma máquina conseguiu passar pelo teste assim concebido. Aliás, ainda que uma máquina passasse no teste, como Turing afirma, isto não provaria que ela tenha uma mente como a dos humanos, ou uma mente de qualquer tipo. Por essa razão, poder-se-ia propor que isso daria ocasião para modificarmos o modo como vemos a questão e dizer que a máquina de algum

¹⁷ Alan Mathison Turing nasceu em Londres, dia 23 de junho de 1912. Foi um matemático, cientista da computação, lógico, criptoanalista, filósofo, e biólogo teórico inglês. Foi um grande influenciador no desenvolvimento da ciência da computação e na formalização do conceito de algoritmo e computação com a máquina de Turing, desempenhando um papel importante na criação do computador moderno.

modo “pensa”. Pois, segundo Turing, não deveríamos tentar decidir se computadores são capazes, como os seres humanos, de produzir comportamento inteligente. Infelizmente, houve muita discussão em torno do artigo de Turing, mas, com poucas exceções, passou-se por cima do ponto que ele pretendia focalizar. O que podemos depreender do teste de Turing é que as observações de Descartes sobre criatividade, especialmente sobre a “pertinência” nas situações, estavam corretas.

Em terceiro lugar, o estado mental e o meio ambiente do falante não parecem coagir ou forçar um proferimento específico; na terminologia de Chomsky, frases parecem ser “livres de estímulos”. Ora, será que podemos dizer que uma máquina é livre de estímulos externos? A resposta parece ser negativa. Pois para cada jogada, ela possui um arquivo ou dados previamente inseridos, para que possa responder de modo ilimitado e coerente. De fato, não está livre de estímulos externos, visto que nunca será capaz de responder livremente a um comando se não possuir uma resposta já programada em seus arquivos de memória. Eis uma grande diferença entre a máquina e o humano: ele é livre de estímulos externos.

A criatividade linguística é, sem sombra de dúvidas, característica importante e indispensável, servindo como guia para o estudo da linguagem. No entanto, não é a única. Segundo Chomsky, também o fato da aquisição da língua materna, algo corriqueiro e tão banal que até deixa de surpreender, é outro fenômeno tipicamente humano do qual a pesquisa linguística tem de dar conta. É o que veremos no próximo capítulo. De acordo com Chomsky, os dados disponíveis à criança representam uma amostra mínima do material linguístico que ela aprende a dominar perfeitamente depois de um prazo bem curto.

4 INTERNALISMO LINGÜÍSTICO CHOMSKYANO

Como vimos nos capítulos precedentes, fica evidente que a abordagem chomskyana implica a existência de um mecanismo inato responsável pela aquisição da linguagem denominado de Gramática Universal. Sendo assim, para que Chomsky definisse seu ponto de vista internalista da linguagem foi indispensável o fato de que nosso primeiro vocabulário surge sem que ninguém nos ensine. Precedendo a gramática gerativa transformacional (teoria linguística chomskyana), a justificativa mais admissível para o caso era a de que, embora os bebês não tivessem lições do que observam ou vivência na sua primeira língua, eles reparam como as pessoas se comunicam e adquirem por imitação e condicionamento. Chomsky percebeu que essa justificativa era ingênua e salientou que os bebês já nascem com um modelo de teoria de linguagem e adquirem sua língua materna experimentando essa teoria. (SMITH, 2005, p. 87).

A demonstração desse fato é que as crianças de todos os lugares do mundo perpetram erros idênticos quando estão aprendendo a falar. Outra denotação dessa teoria é o desenvolvimento de uma competência linguística mínima precisamente em idêntico período de tempo. Porém, a estrutura intrincada de uma língua natural é a principal evidência. Pouco favorece o estímulo linguístico que recebemos nos primeiros anos de vida que possam explicar a superabundância da linguagem infantil. Salienta-se que o conjunto das partes da construção básica da linguagem está relacionado ao nosso esquema cognitivo. Aprender a língua seria extremamente difícil ou mesmo impossível se não tivéssemos em nossas mentes uma gramática embutida. É amparado nesses princípios que Chomsky expõe seu nativismo linguístico:

Se há conexão é em nível abstrato. Não disponho de acesso a métodos incomuns de análise, e qualquer conhecimento especial que tenha relativo à linguagem não tem correspondência imediata com temas sociais ou políticos [...] Não há ligações diretas entre minhas atividades políticas, nas quais incluo meus textos e outras ações, e o trabalho que faço referente à estrutura da linguagem, embora de certa forma tudo talvez derive de concepções e atitudes comuns sobre aspectos básicos da natureza humana. (2007, p. 13).

Chomsky afirma que a mente humana é uma espécie de computador formado por diversos programas interligados, ao postular que a estrutura básica da linguagem é inata, com programas responsáveis pela visão, pelo raciocínio lógico e pelas ações motoras. Chomsky chama de “faculdade da linguagem”, em especial, o sistema mental responsável pela linguagem. Esse sistema realiza e gerencia de múltiplas atividades, como articulação e interpretação de fonemas, representação de aspectos semânticos, aplicação de regras de formação de expressões

complexas e assim por diante. O que explica nossa aptidão de aprender e dominar a língua é o fato de que nós já nascemos providos com esse sistema. Resumindo: nossa competência e desempenho linguístico provem desse “sistema computacional”. Eis como Chomsky descreve:

[...] este conhecimento instintivo ou, se quiser, este esquematismo que permite derivar um sistema complexo e intrincado a partir de informações muito fragmentárias, é um constituinte fundamental da natureza humana. Nesse caso, acredito que se trata de um constituinte essencial por causa do papel que a linguagem desempenha não só na comunicação, mas também na expressão do pensamento e na interação entre as pessoas; e suponho isso em outros domínios da inteligência humana, em outros domínios da cognição humana e do comportamento, alguma coisa do mesmo tipo deve ser verdade. Bem, essa coleção, essa massa de esquematismos, princípios de organização inatos, que orientam nosso comportamento social, intelectual e individual ao que me refiro ser o conceito de natureza humana. (2006, p. 10).

Se teoricamente existe uma faculdade da linguagem, a afirmação demanda a existência de uma linguagem universal, sendo assim, existem princípios que determinam as características fundamentais de todas as línguas naturais. A razão plausível é a seguinte: os procedimentos compreendidos nas estratégias de aprendizagem específicas, para adquirir a nossa primeira linguagem, devem nos favorecer a incorporação da gramática da língua. Contudo, mesmo havendo uma grande diversidade de línguas naturais, a faculdade da linguagem deve ser semelhante em toda a espécie humana.

4. 1 A faculdade da linguagem e a natureza da linguagem

A mesma aptidão que leva uma criança a aprender alemão, por exemplo, possibilitaria que outra criança aprendesse swahili (é uma das línguas oficiais do Quênia, de Ruanda, da Tanzânia e de Uganda). Conclui-se que todas essas línguas, que parecem tão diferentes, em um padrão mais marcante de estudo, estão alicerçadas sobre os mesmos princípios, e são tais princípios que a aptidão da linguagem nos dá por antecipação. (BLOOMFIELD, 1957, p. 65). Portanto, esses princípios compõem a gramática universal, o estado inicial da faculdade de linguagem, que teoricamente todo ser humano traz introduzida na mente e dá forma aos modos diversos que a linguagem pode assumir. A criança começa pôr à prova sua teoria internalizada é confrontada a uma linguagem natural. Ela obtém domínio sobre a língua materna à proporção que as informações na experiência e na prática confirmam suas hipóteses. Se não fosse assim, segundo Chomsky, aprender a primeira língua seria um trabalho potencialmente impossível. Chomsky assevera:

Em outro sentido, o estudo das propriedades formais da linguagem revela algo da natureza do homem de uma maneira negativa: sublinha, com grande clareza, os limites de nossa compreensão daquelas qualidades da mente que são, ao que parece, exclusivas do homem e que devem imprimir seu selo em suas realizações culturais de uma maneira íntima, completamente obscura. (1975, p. 556).

A hipótese da gramática universal foi alvo de muitas críticas desde quando foi apresentada. Sua visão internalista da linguagem sempre foi sustentada por Chomsky com sólidos argumentos contrários. Posições como o behaviorismo¹⁸, o que contribuiu para o desmoronamento, aconteceu na revisão que fez do livro *Verbal Behavior*, de B. F. Skinner (1975). Nele Skinner procura elaborar uma “análise funcional” do comportamento verbal, apresentando-o em função de estímulos externos em respostas verbais, recorrendo a noções como estímulo, reforço, privação e assim por diante. Em sua revisão detalhada das ideias utilizadas por Skinner, Chomsky mostra que “se nós tomamos seus termos em seu significado literal, a [sua] descrição não cobre quase nenhum aspecto do comportamento verbal, e se nós os tomamos metaforicamente, a descrição não acrescenta nada às formulações tradicionais” (CHOMSKY, 1998, p. 574).

Todavia, Chomsky aponta alguns pontos de vista sobre o comportamento verbal às quais nenhuma teoria linguística séria pode deixar de apresentar justificativas. Primeiramente é necessário explicar como podemos fazer e entender pronunciamentos não familiares. A linguagem nos permite um repertório com potencial infinito de pronunciamentos e muitos deles que nunca ouvimos. Não podemos admitir que esses pronunciamentos são meras respostas a estímulos externos. Além disso, é imprescindível esclarecer o fenômeno da explosão linguística, ou seja, o fato de as crianças normais em seu total apresentarem nos primeiros anos de vida uma competência linguística apreciável, apesar do paradoxo entre a complexidade formal ilimitada de uma língua e o estímulo verbal externo insuficiente. A teoria de Skinner era evidentemente incompleta em relação à argumentação desses dados do comportamento verbal. Chomsky assegura:

[...] nada chega à nossa mente dos objetos externos através dos órgãos dos sentidos, a parte de certos movimentos corpóreos... mas mesmo estes movimentos e as figuras que deles surgem, não são concebidos por nós na forma que assumem nos órgãos dos sentidos [...] Logo segue-se que as idéias dos movimentos e das figuras são, elas próprias, inatas em nós. E tanto mais inatas devem ser as idéias de dor, cor, som e semelhantes, para que, na ocasião de certos movimentos corpóreos, a nossa mente possa ter essas idéias, pois

¹⁸ O termo behaviorismo é oriundo da língua inglesa, na qual a palavra *behavior* significa comportamento.

elas não possuem nenhuma semelhança com os movimentos corpóreos [...] (1976, p. 132).

O estudo behaviorista da linguagem foi desaprovado por Chomsky. Além das críticas acima citadas, elas voltam a aparecer muitas vezes em outras partes de sua obra. Como em *Language and Mind*, citando o seguinte:

Nenhuma pessoa sã duvida que o comportamento ofereça grande parte da evidência para este estudo [da linguagem]... Mas o termo “ciência do comportamento” sugere uma mudança de ênfase não tão sutil em direção à evidência em si, e na direção contrária dos princípios subjacentes mais profundos e das estruturas mentais abstratas que podem ser iluminadas por essa evidência de comportamento (CHOMSKY, 2006, p. 58).

Persistir em um grau superficial de prognóstico, de acordo com Chomsky, é o imenso problema do behaviorismo. Investigar o comportamento é consentido ao psicólogo behaviorista, mas não os mecanismos internos que provocam o comportamento em um indivíduo. Esse modelo de prognóstico é concorrente com a hipótese inatista da linguagem. A contestação de Chomsky ao behaviorismo metodológico não se pode evitar sendo que sua visão da linguagem está fundamentada sobre pressupostos mentalista. De igual modo, certas teses filosóficas sobre a linguagem foram combatidas inevitavelmente. A seguir, serão apontados os principais pressupostos que Chomsky apresenta nessa investida.

Podemos perceber que algumas teses filosóficas veneráveis foram recusadas por Chomsky graças ao seu internalismo. Primeiro a tese de que a linguagem é uma estruturação pública, um atributo de comunidade; outra é o argumento de que, fundamentalmente, as expressões da linguagem evidenciam produtos do mundo.

Em conformidade com a posição de Chomsky em relação à primeira tese, Neil Smith, no prefácio de *New Horizons in the Study of Language and Mind*. Eis o que foi citado:

Boa parte da tradição filosófica tem focado a linguagem como um construto público do qual os indivíduos têm conhecimento parcial. Esta visão se preocupa com a relação entre linguagem e realidade externa: a relação palavra-mundo que sustenta as teorias padrão de semântica referencial. Em oposição a esta tradição, Chomsky defende em detalhe, e com uma série de análises linguísticas imaginativas, a noção de que o conhecimento da linguagem é individual, interno à mente/cérebro. Segue que o próprio estudo da linguagem deve tratar desse construto mental, uma entidade teórica que ele refere com o neologismo “I-linguagem”, uma propriedade interna de um indivíduo (SMITH apud CHOMSKY, 2006, p. 7).

O posicionamento de Chomsky concorda com o seu nativismo linguístico; com efeito, é resultado dele. Se o vocabulário que eu falo é elaborado pela minha capacidade natural, então

inegavelmente é um vocabulário próprio, é um atributo individual, não público. A aptidão da linguagem é nata ao ser humano, não tem origem fora da pessoa. Toda pessoa tem sua linguagem própria. A partir desse atributo nato, a criança, evidentemente quando começa a pronunciar as primeiras palavras, está reinventando essa língua tendo como alicerce seus recursos interiores. Sendo assim, em regra, não há nenhuma linguagem pública, meios externos compartilhados por pessoas em comum. Exemplificando, não há “português” e sim, o português de cada criança, que individualiza sua linguagem com um agrupamento de afinidades, para que as crianças partilhem opiniões. (BARKSKY, 2004, p. 65).

Neil Smith salienta que esse critério é amplamente oposto à posição filosófica majoritária. A linguagem como algo público foi uma convicção em toda a história da filosofia analítica. A valer, essa foi uma das primeiras hipóteses do movimento analítico. Uma das justificativas para isso é que se julgava que a linguagem é pública, podendo ser subjugado a uma análise objetiva, e não ideias, presumivelmente, o filósofo poderia apresentar a linguagem sem acabar o que se sucede no íntimo das pessoas durante o tempo que exercitam a linguagem. Chomsky afirma:

A não ser que os seres humanos sejam anjos, fora do mundo biológico, nós podemos ter certeza de que haverá um componente genético relevante em cada aspecto do seu crescimento, desenvolvimento, pensamento e ação. O problema é descobrir qual é e usar este conhecimento para adicionar ao pensamento sobre programas e políticas que afetam a vida humana. (1998, p. 148).

Contudo, ademais aos incentivos antipsicologistas em seu início, a priori pensar na linguagem como uma propriedade associada por pessoas com interesse comum. Os filósofos que pensam na linguagem como propriedade compartilhada declaram que, se não fosse um construto público, a comunicação seria improvável. A opinião é que os indivíduos que falam a mesma língua se entendem, ou no mínimo podem concordar, porque dispõem de uma linguagem semelhante. Pessoas que não falam a mesma língua não se entendem porque não compartilham a mesma linguagem.

4.2 Das regras gramaticais aos princípios da linguagem

Eventualmente, Chomsky recusa a hipótese de que a difusão da linguagem ou dos significados seja essencial para decifrar a possibilidade de comunicação. Ele se opõe aos simpatizantes da tese de que a linguagem é coletiva, enquanto propõe sarcasticamente que eles

deveriam também demandar a necessidade de uma “pronúncia pública”. Para ele, a “única ‘estrutura compartilhada’ de modo geral entre humanos (possivelmente) é o estado inicial da linguagem. Além disso, nós podemos esperar apenas aproximações [...]” (CHOMSKY, 2007, p. 30). Sendo assim, a comunicação depende dessas aproximações.

Em concordância com a análise chomskyana dos fatores que sustentam suas faculdades de linguagem são muito semelhantes. À vista disso, não obstante dessas pessoas propagarem linguagens diferentes, elas são aptas para interpretar o que cada uma fala com suporte nas suas próprias computações interiores. Conforme Chomsky, nós produzimos nossos próprios significados e admitimos que os significados dos outros são semelhantes aos nossos. Em outros termos, não concebemos aos outros as produções de nossas próprias mentes. Por isso duas pessoas conseguem se compreender com suporte apenas em suas linguagens individuais, sem necessidade de partilhar uma linguagem comum. Segundo Chomsky, acredita-se que dois indivíduos exprimem a mesma língua, de modo algum é textualmente verdade, esses indivíduos na verdade falam somente línguas semelhantes. Essa condição de proximidade é suficiente para definir como a comunicação entre elas é praticável. Eis o que afirma Scarpa:

[...] este conhecimento instintivo ou, se quiser, este esquematismo que permite derivar um sistema complexo e intrincado a partir de informações muito fragmentárias, é um constituinte fundamental da natureza humana. Nesse caso, acredito que se trata de um constituinte essencial por causa do papel que a linguagem desempenha não só na comunicação, mas também na expressão do pensamento e na interação entre as pessoas; e suponho isso em outros domínios da inteligência humana, em outros domínios da cognição humana e do comportamento, alguma coisa do mesmo tipo deve ser verdade. Bem, essa coleção, essa massa de esquematismos, princípios de organização inatos, que orientam nosso comportamento social, intelectual e individual ao que me refiro ser o conceito de natureza humana. (2001, p. 10).

A hipótese de uma linguagem pública é defendida simplesmente para definir como as pessoas se comunicam, ou ainda a maneira como as pessoas adquirem conhecimentos de uma língua. Um vocabulário público é um vocabulário externo. Não é faculdade de uma pessoa, e sim de uma comunidade. Por conseguinte, adquirir um vocabulário seria apropriar-se de algo que vem de fora.

Apesar dessas argumentações, Chomsky oferece resistência em que estudar uma língua não tem sentido de apropriar-se de uma organização externa. Não é fundamental pleitear a existência de uma língua, como o português, a ponto de dizer que um sujeito qualquer está “aprendendo português”. Acreditar que um ser humano que está adquirindo conhecimentos de

português está se acercando de uma essência fantasiosa não explica nada. Esse é um aspecto não científico de articular sobre a linguagem. Scarpa expõe da seguinte maneira:

O argumento básico de Chomsky é: num tempo bastante curto [mais ou menos dos 18 aos 24 meses], a criança, que é exposta normalmente a uma fala precária, fragmentada, cheia de frases truncadas ou incompletas, é capaz de dominar um conjunto complexo de regras ou princípios básicos que constituem a gramática internalizada do falante. Esse argumento, constantemente reafirmado, é chamado de “pobreza de estímulo”. Um mecanismo ou dispositivo inato de aquisição de linguagem [em inglês, LAD, language acquisition device], que elabora hipóteses linguísticas sobre dados linguísticos primários [isto é, a língua a que a criança está exposta], gera uma gramática específica, que é a gramática da língua nativa da criança, de maneira relativamente fácil e com um certo grau de instantaneidade. Isto é, esse mecanismo inato faz “desabrochar” o que “já está lá”, através da projeção, nos dados do ambiente, de um conhecimento linguístico prévio, sintático por natureza. (2007, p. 206).

Conforme o conceito chomskiano, a competência de uma língua recente é estabelecida pela aptidão natural de linguagem. O que conquistamos de fora não é uma língua, mas investidas oportunas que agem sobre a faculdade de linguagem. Esta, por sua vez, gera nossa própria língua individual (o português individual, em nosso caso). Da mesma forma, as práticas que agem sobre a faculdade de linguagem de um sujeito só são produtivas porque são criadas pelos recursos naturais da sua mente/cérebro, assimilada com a sua I-linguagem. Eis porque é importante investigar a anatomia da mente e as I-linguagens próprias. Simplesmente só numa I-linguagem um vocábulo tem valor semântico. (ROBINS, 1983, p. 98).

A proposição de Chomsky equivale a dizer: se nós separarmos uma estrutura das propriedades que ela tem numa linguagem específica e acreditarmos que sua citação é memorizada numa linguagem coletiva comum, realizamos, então, um movimento que extrapola os limites da investigação naturalista, ou seja, uma movimentação inconsistente.

De qualquer jeito, os pensadores que abordam a linguagem como produto público acreditam que dessa maneira estão destacando a postura básica da linguagem, ou seja, sua postura social. Acreditam que a linguagem é uma habilidade de comunidade e não dos cidadãos. Habilidade determinada por uma conduta linguística uniforme dos componentes da comunidade. É suficiente atentar para esse comportamento para que o cidadão incorpore a linguagem dessa comunidade. É o que Quine propõe, com outras palavras, quando relata a estória do “linguista de campo”, no segundo capítulo de *Palavras e Objeto*. Para o autor, o estudo de uma língua inteiramente não conhecida não obriga à análise de alguma comprovação psicológica. O conhecimento da língua se adquire pelo contato direto com os falantes, por isso

o olhar exclusivo da pesquisa é sobre o comportamento linguístico desses falantes. Chomsky expõe:

As observações se estendem para os elementos referenciais mais simples e para aqueles referencialmente dependentes [...] ou para nomes próprios, que têm ricas propriedades semântico-conceituais derivadas em grande parte de nossa natureza, com alguma contribuição da experiência. Algo é nomeado como uma pessoa, um rio, uma cidade, com a complexidade de compreensão que acompanha essas categorias. A linguagem não tem nenhum nome logicamente próprio despido dessas propriedades [...]. Nós podemos pensar sobre nomeação como uma espécie de ‘feitura de mundos’, em algo como o sentido de Nelson Goodman (1978), mas os mundos que nós fazemos são ricos e intrincados e substancialmente compartilhados graças a uma natureza complexa compartilhada (2005, p. 181).

Ao discorrer sobre o modelo de Quine, Chomsky inicia salientando o fato de que o termo “linguista de campo” é inviável para quem de fato se ocupa de linguística. O dito assemelha ter uma natureza regulamentada, denominando o modelo de linguagem que se amolda ao holismo e a behaviorismo quineanos. Chomsky argumenta que o enfoque internalista é elemento de concordância dos pesquisadores na experiência para a investigação da linguagem. Investigação sociolinguístico podem acontecer e são de tipo externalista, mas não é isto que elucida como a linguagem é aprendida, compreendida e empregada.

4.3 O inatismo e o processo de aquisição da linguagem

Chomsky não concorda com o princípio segundo o qual o linguista pode usar comprovação linguística, mas não comprovação psicológica. Ele comprova que esta, como outras limitações a que se pretende obrigar o linguista, só “refletem uma forma de dualismo, uma insistência em que nós não devemos tratar o domínio do mental” (CHOMSKY, 1983, p. 140). E prossegue expondo que se o linguista tivesse de se adaptar à limitação terminológica de Quine, seria melhor deixar a linguística. Na opinião dele, é um acontecimento natural que o cérebro manifeste certas faculdades quando estruturamos sistemas de regras e coisas parecidas. É incoerente indeferir a investigação desse fato. Eis o que Borges Neto afirma:

A ideia básica é que uma sentença como Pedro viu Maria, bem como qualquer que essas representações possam ser construídas, numa sequência, uma a partir da imediatamente anterior. Suponhamos que o sistema comece dizendo que Pedro viu Maria é uma sentença. A partir disso, o sistema deverá dizer como a sentença é constituída por categorias sintáticas, expondo sua estrutura. Nossa sentença, por exemplo, é constituída por um sintagma nominal [SN] seguido de um sintagma verbal [SV]; o sintagma verbal, por sua vez, é constituído por um verbo [V] seguido de um novo SN. Os SNs são

constituídos por nomes próprios [N]. Assim, no nível da estrutura frasal, a sentença Pedro viu Maria receberá uma representação que pode ter uma das duas formas seguintes [que são absolutamente equivalentes]. (2004, p. 103).

Do mesmo modo, Chomsky avalia Dummett quando este expôs que linguagem é uma “prática que aprendemos dos outros e é construída por regras que seguimos de acordo com o costume social” (CHOMSKY, 2005, p. 48). Conforme esse entendimento, a linguagem seria emancipada de qualquer falante privado. Os falantes privados apresentariam apenas a assimilação parcial de uma linguagem, como inglês ou japonês. Chomsky justifica que no aprendizado baseado na experiência a noção de linguagem dummettiano é dispensável. Mediante a ele, “o conceito de linguagem que Dummett considera essencial envolve elementos sociopolíticos, históricos, culturais e normativos teleológicos complexos e obscuros” (CHOMSKY, 2005, p. 49). Tais recursos estão as noções de “mal uso da linguagem”, “norma” e “comunidade”. Essas noções, na concepção de Chomsky, não são bem definidas. Como se pode perceber, quando se diz que Y acompanha um princípio se é somente Y se adapta à prática ou aos princípios da comunidade, o vocábulo “comunidade” não agrega nada aqui, ele atenta. Sem decorremos classificações, o uso do vocábulo deixa uma lacuna na investigação. De acordo com Chomsky, se alguém acompanha ou não o que classificamos como “normas da comunidade” ou “prática social” é fundamentada na sua linguagem internalizada. De acordo com Chomsky (2007, p. 150): [...] a pessoa X usa a expressão E com suas propriedades semânticas intrínsecas para falar do mundo a partir de certas perspectivas intrincadas, focando atenção sobre aspectos particulares dele, sob circunstâncias C, com a ‘localidade de conteúdo’ que elas induzem.

Por conseguinte, a faculdade de linguagem e sua fase inicial é o que deve ser sondado. Nosso conhecimento da linguagem deriva dessa fase. São os elementos sociais envolvidos no uso da linguagem que devem ser entendidos à luz de uma hipótese da faculdade de linguagem, não o contrário. O estado primário da linguagem não resulta da praxe social. A prática estima algumas preferências que o ponto inicial deixa em aberto, mas uma vez que isso é estimado, as opções por vier é capaz de ser feitas sem nenhum a praxes social. Estas, em resumo, são as mais importantes críticas que Chomsky faz à tese de que a linguagem é uma organização pública. Analisemos a seguir o que ele diz em relação a hipótese de que as locuções da linguagem expressam coisas do mundo.

Feito com base em análise filosófica, esses pensadores constantemente tiveram interesse de argumentar a relação entre linguagem e mundo sem a evidência de requisitar uma interferência apoiada nos estados e processos mentais dos locutores. Sin e Bedeutung, em suas

bases fregianas, tinham precisamente o encargo de estabelecer uma descrição desse modelo. Nesse suporte é concebível expor uma semântica despendida dos princípios de psicologismo. Logra-se alegar que nos primórdios da filosofia analítica, todos os filósofos que buscavam definir as especificidades semânticas da linguagem estavam atraídos por uma semântica externalista. Contudo, esse modelo de semântica que é o foco das mais categóricas críticas de Chomsky. A argumentação é empregada nos seguintes termos:

Uma boa parte da filosofia contemporânea da linguagem lida com alegadas relações entre expressões e coisas, às vezes explorando intuições sobre as noções técnicas ‘denotar’, ‘referir’, ‘verdadeiro de’ etc. [...] Mas não pode haver nenhuma intuição sobre essas noções [...] Esses são termos técnicos do discurso filosófico com um sentido estipulado que não tem nenhuma parte na linguagem ordinária; é por isso que Frege teve que providenciar um novo significado técnico para “Bedeutung”, por exemplo (CHOMSKY, 1998, p. 130).

O que Chomsky indica aqui é a dissimulação da noção de externar, e de diversas noções semelhantes, no momento que ele expôs que não pode haver instruções sobre essas noções, de está expondo do modelo de intuição aplicada na pesquisa empírica, quer dizer, do modelo de intuição que resulta da observação e da experimentação. De fato, as noções técnicas citadas acima não são fundamentadas na observação de fatos empíricos. Para Chomsky, um indivíduo é capaz de optar por ocupar-se com a hipótese de que frases mostram coisas do mundo, porém tal hipótese não é explicada em situações básicas da experiência. A noção de mostrar tem um sentido estabelecido. Portanto, ela pode até assimilar bem o mecanismo conceitual de uma suposição normativa, mas nunca poderá ser propriamente inserida em suposições que tem a finalidade de descrever e explicar o que verdadeiramente processa-se na prática da linguagem. À parte essa hipótese não ser a base de nenhuma teoria que objetive definir a natureza e o papel das especificidades semânticas das palavras, no mínimo, não entrementes as palavras são analisadas em seu uso habitual.

Eis o que Chomsky afirma sobre os princípios inatos:

[...]os princípios inatos de organização limitam drasticamente a classe de línguas possíveis, e determinam as prioridades da língua que é aprendida da maneira normal [...]. No que concerne à aprendizagem linguística, a mente possui princípios intrínsecos proporcionadores de estruturas invariantes que são pré-requisitos da experiência linguística. (1998, p. 127).

Chomsky reconhece que as hipóteses que nós produzimos podem se conduzir pelo modelo fregeano de uma linguagem coletiva com normas bem formuladas e uma semântica apoiada na noção de expressar, e por acaso, essa investigação por sistemas fregianos seja uma

_____. *Linguagem e mente*. Trad. de Lúcia Lobato. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

_____. *Linguagem e responsabilidade*. Trad. de Álvaro Paiva. São Paulo: JSN Editora, 2007.

_____. *Reflexões sobre a Linguagem*. Trad. de Carlos Vogt. Lisboa: Edições 70, 1976.

CRYSTAL, D. *Linguistics*. Trad. nossa. England: Penguin Books, 1978.

DAMÁSIO, A. R. *E o cérebro criou o homem*. Trad. de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cultrix, 2001.

DESCARTES, R. *Discurso do Método*. Trad. de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Editora DIFEL, 1973.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. Trad. de Vinícius Sousa. São Paulo: Cultrix, 2004.

FLAVELL, John H.; MILLER, Scott. *Desenvolvimento Cognitivo*. Trad. de Bento Prado Júnior. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FODOR, J. *The Language of Thought*. Trad. de de Bento Prado Júnior. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1975.

_____. *The Modularity of Mind*. Trad. de Laura Teixeira Motta. Cambridge (Mass): The MIT Press, 1983.

GARDNER, H. *A nova ciência da mente*. Trad. de Laura Teixeira Motta. 3ªed. São Paulo: EDUSP, 2003.

GAZZANIGA, M. S; MANGUN, G.R; IVRY, R. B. Trad. de Bento Prado Júnior. *Neurociência Cognitiva: A Biologia da Mente*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HUMBOLDT, Wilhem von. *Sobre el origen de las formas gramaticales y sobre su influencia em el desarrollo de las ideas*. Trad. de Carlos Andrade. Barcelona: Anagrama, 1890.

ILARI, R. O estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. In *Introdução à lingüística 3: fundamentos epistemológicos*, ed. Mussalim, F & Bentes, A. C. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

JACOBSEN, B. *Transformational-generative Grammar*. Trad. de Bento Prado Júnior. ed. S.C. Dik & J.G. Kooij. New York: North-Holland Linguistic Series, 1977.

KATZ, J. “*The Relevance of Linguistics to Philosophy*”. Trad. de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. In: *On Noam Chomsky: Critical Essays*, ed. Gilbert Harman. New York: Anchor Press, 1974.

KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Trad. de Carlos Andrade. Lisboa: Edições 70, 1998.

capacidade da nossa aptidão nata de formar ciência. Contudo, isso é insuficiente para exprimir a linguagem natural.

Para definir como age a linguagem natural de acordo com Chomsky, é necessário atentar, primeiramente, para o fato de que as palavras possuem dois aspectos: aspectos fonéticos¹⁹ e aspectos sintáticos²⁰ (KRISTEVA, 1998, p. 125). O que quer que seja que as palavras concebem (até os nomes próprios) é mostrar seus aspectos para que sejam assimiladas pelos falantes. Desse modo, as palavras se correlacionam inicialmente com os falantes, não com o mundo, ou pelo menos não imediatamente. Seguramente os aspectos semânticos presente na palavra podem dar requisitos para que o falante mencione elementos no mundo, contudo já é o efeito da sequência desses aspectos pelo falante.

¹⁹ Estudos dos sons das palavras.

²⁰ Estudos das palavras enquanto constituintes de uma frase.

5 CONCLUSÃO

Diante do exposto, as ideias provam que o pensamento chomskiano promove boas estruturas teóricas e práticas no que concerne à pessoa e a linguagem, em vista da elaboração de uma nova concepção em favor da pessoa como ser inerente a aquisição da linguagem. Cabe afirmar que seu maior valor foi ter alcançado a criação de uma filosofia não preso a um sistema já organizado, porém, ao mesmo tempo, configurando seu próprio pensamento.

Uma característica notável do pensamento chomskiano é observar que a habilidade da linguagem está anexada à biologia da mente humana, sendo qualificada para desenvolver variadas informações compostas pelo indivíduo. As representações desenvolvidas por Chomsky podem representar mais clareza no estudo sobre a aquisição da linguagem. Portanto, considera-se que as definições abordadas por Chomsky passaram da teoria descritiva (estruturalista) para a teoria científico-explicativa (gerativismo). Sendo que através de sua pesquisa foram ressaltados importantes elementos para o desenvolvimento do estudo linguístico, no qual se inspiraram muitos estudiosos ao projetarem suas definições para o campo da linguagem.

Vale ressaltar que a ideia de que existe uma gramática mundial das línguas humanas nasceu com a visão de Chomsky sobre a obtenção da língua materna. Chomsky estava procurando uma asseveração para o fato de que praticamente todas as crianças aprendem a língua materna no momento de seu crescimento cognitivo, momento em que estão experimentando conflitos para alcançar outros tipos de conhecimento que assimila ser bem menos complexos do que a linguagem.

Ressalte-se que Chomsky contrapõe a ideia behaviorista que o aprendizado de uma língua não suportaria ser obtido pela mera descrição a amostragens de uma língua às quais a criança é exibida, são incompletos e algumas vezes degenerados ou fracionário. Ademais, as crianças parecem aptas a adquirir sua língua materna sem qualquer *feedback* sistemático de correção, nem qualquer doutrina. Chomsky afirma que as crianças devem ter uma capacidade inata da linguagem, um dispositivo com o qual elas já nascem e que as torna habilitadas para “decifrar o código” da língua, por meio de um processo de produção de hipóteses e testes efetuados de acordo com princípios e parâmetros mundiais.

Por fim, conclui-se que o desfecho do que é que a propensão de linguagem pode ser vista como uma certa quantidade de informação sobre a natureza da gramática generativa que representa a saída de uma espécie de aquisição de linguagem. Os conceitos taxonômicos da estrutura da linguagem e a aplicação de qualquer tipo de operação de indução progressiva não

são suficientes para explicar a função da estrutura gramatical interna da língua. No entanto, Chomsky ainda continua sustentando que a fonologia e a sintaxe de uma língua deveriam ser descritas como um sistema puramente formal, sem referência a considerações semânticas. A língua seria um instrumento para a expressão de significado, ou seja, seria possível e desejável descrever o instrumento, num primeiro momento, sem recorrer ao conhecimento por parte do indivíduo sobre o uso que faz desse instrumento, ou seja, a língua.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, R.M. Where do our ideas come from. Trad. de Álvaro Paiva. In: *Innate Ideas*, ed. Stephen P. Stich. London: University of California, 1975.
- AJMARD, Paule. *A linguagem da Criança*. Trad. de Marylene Pinto Michael. Porto Alegre: Artmed, 1986.
- ALKMIN, Tania. Sociolinguística – parte 1. In: Mussalém, F; Bentes. A. C. (orgs) *Introdução a linguística domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- APEL, Karl-Otto. *A teoria da Linguagem de Noam Chomsky e a filosofia contemporânea: um estudo de caso epistemológico*. In: A transformação da filosofia: o a priori da comunidade de comunicação. Trad. de Afonso Lima. São Paulo: Loyola, 2000.
- BARSKY, Robert F. Noam Chomsky: *a Vida de um Dissidente*. Trad. de Nicole Leal. São Paulo: Conrad, 2004.
- BORGES NETO, José. O empreendimento gerativo In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (orgs.) *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- BLOOMFIELD, Leonard. *A set of postulates for the Science of language*. Trad. de Felipe Andrade. In: JOOS, Martin. *Readings in Linguistics*. Chicago: University of Chicago Press, 1957.
- CABRAL. Ed. *Massimo Piatelli-Palmarini*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- CHOMSKY, Noam; PIAGET, J. *Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem*. Trad. de Álvaro Paiva. Paris: Martins Fontes, 1983.
- CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. Trad. de Marcos Antônio Sant' Anna. Paris: Mouton, 1972.
- _____. A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior. Trad. de Marcos Antônio Sant' Anna. *Language*, n. 35, v.1. Paris: Mouton, 1959.
- _____. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Trad. de Álvaro Paiva. Coimbra: Armênia Amado, 1975.
- _____. *Linguagem e pensamento*. Trad. de Marcos Antônio Sant' Anna. Petrópolis (RJ): Vozes, 1971.
- _____. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. Trad. de Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- _____. *Perspectivas sobre a linguagem e a mente. Sobre natureza e linguagem*. Trad. de Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LOPES, Edward. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. Trad. de Amando Silva. São Paulo: Cultrix, 1995.

LYONS, J. *Introduction to theoretical linguistics*. Trad. de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. Great Britain: Cambridge University Press, 1971.

_____. *As ideias de Chomsky*. Trad. de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1972.

_____. *Linguagem e Linguística*. Trad. de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

MACGILVRAY, J. *Chomsky: Language, Mind and Politics*. Trad. de Luiz Martins Monteiro. Cambridge: Polity Press, 1999.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *O que é linguística*. Trad. de Luiz Martins Monteiro. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística. I Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2005.

PINKER, Steven. *O instituto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. Trad. de Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PUTNAN, H. *Representation and Reality*. Trad. nossa. Cambridge, MA: A Bradford Book, 1991.

RAPOSO, Eduardo Paiva. Da teoria de princípios e parâmetros ao programa minimalista: algumas ideias-chave. In: CHOMSKY, Noam. *O programa minimalista*. Portugal: caminhos, 1999.

ROBINS, R.H. *Pequena história da lingüística*. Trad. de Luiz Martins Monteiro. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

SAPIR, E. *Language – an introduction to the study of speech*. Trad. de Luiz Martins Monteiro. New York: Harcourt, 1949.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. Trad. de Marylene Pinto Michael. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SCARPA, Ester M. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (orgs.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

SEARLE, J. *A redescoberta da mente*. Trad. de Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 20. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 1996.

SKINNER, B. F. *Comportamento Verbal*. Trad. de Eduardo Pereira. São Paulo: Cultrix, 1978.

SMITH, N. Chomsky: Ideas and Ideals. Trad. de Marco Antônio Sant'Anna. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

_____. Prefácio. In: CHOMSKY, N. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. Trad. de Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

STENBERG, Robert J. *Psicologia Cognitiva*. Trad. de Eduardo Pereira. Porto Alegre: Artmed, 2000.

WOOD, David. *Como as crianças crescem e aprendem*. Trad. de Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1996.